

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

**Arte Xávega na Comunidade da Praia da Vieira de Leiria: a sua
Patrimonialização**

Hélia Carla Amado Rodrigues

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientador:
Doutor Fernando Paulo Oliveira Magalhães, Professor Adjunto,
Instituto Politécnico de Leiria

Setembro, 2013

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

**Arte Xávega na Comunidade da Praia da Vieira de Leiria: a sua
Patrimonialização**

Hélia Carla Amado Rodrigues

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientador:
Doutor Fernando Paulo Oliveira Magalhães, Professor Adjunto,
Instituto Politécnico de Leiria

Setembro, 2013

AGRADECIMENTOS

Em jeito de agradecimento:

Ao Professor Doutor Fernando Paulo Oliveira Magalhães pelo apoio, disponibilidade e orientação.

Ao Instituto Politécnico de Santarém pela disponibilidade concedida na publicação do trabalho realizado e pela cedência dos documentos existente no arquivo bibliográfico do Gabinete da Cultura Avieira. Um reconhecimento, muito especial, à Dr.^a Maria de Lurdes Véstia e ao Dr. João Serrano, Coordenador do Projeto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional e da UNESCO.

À Associação Portuguesa De Xávega, na pessoa do presidente José Vieira, por todos os esclarecimentos e convites para conferências e reuniões com o tema Arte Xávega.

À junta de freguesia de Vieira de Leiria, nas pessoas do presidente Joaquim Tomé e do tesoureiro Ilídio Faustino, pela disponibilidade demonstrada e cedência da bibliografia publicada, existente na Junta de Freguesia.

À câmara municipal da Marinha Grande, na pessoa do vice-presidente Paulo Vicente.

À câmara municipal de Mira, nas pessoas do presidente Dr. João Reigota e vereador Luís Miguel Grego pelos esclarecimentos dados.

A todos os professores e professoras que estiveram presentes na minha caminhada académica

Aos meus familiares.

A todos os meus amigos que de alguma foram me ajudaram.

A toda comunidade da Praia da Vieira de Leiria, especialmente aos pescadores.

Para agradecer narro a minha memória descritiva, o largar da rede na primeira pessoa, da minha ida ao mar. No dia 6 de Setembro de 2012 tive a primeira vivência da ida ao mar no barco do mar meia-lua *Lusitano*.

Poder-se-á falar da Arte Xávega, mas não sem antes vivenciar, pelo menos uma vez, o ir ao mar e passar a rasa, intervalo entre a rebentação das vagas, e largar a rede no barco meia-lua, o *Lusitano*.

Que rasa, que tantas ondas tinhas!... E tanta pancada nos deste!...

O “motorista” gritava: - “...está seguro, está seguro, agarrem-se...”

Eu, pequena, estava protegida à direita, à esquerda e atrás pelos Homens do Mar mas, mesmo assim, o vazio do estômago pairou e nem o coração cheio de uma vivência, que espero repetir, amainou esse vazio...

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo perceber a metamorfose da Arte Xávega em património cultural, a sua relação com o desenvolvimento local assim como com a construção da identidade da comunidade da Praia da Vieira de Leiria.

O passado e o presente da Praia da Vieira, as suas gentes e saberes foram o mote de partida para este estudo de caso. Neste trabalho procuro, recorrendo a bibliografia especializada nos domínios da identidade, património cultural, valor de uso e valor simbólico dos objetos, entender o processo de patrimonialização da Arte Xávega na Praia da Vieira e o seu contributo para o desenvolvimento local.

Esse processo implicou o estudo da Arte Xávega na Praia da Vieira de Leiria enquanto atividade económica que, confundindo-se com a génese da comunidade, se continua a praticar na atualidade. Aferi sobre a hipótese da transformação de objetos de uso em objetos simbólicos, criando, a partir deles uma rota cultural e um centro de interpretação da Arte Xávega. Por um lado espero contribuir para a preservação da memória nesta comunidade, bem como proporcionar algum dinamismo e empreendedorismo local.

Palavras-Chave: Valor de uso do objeto/ valor simbólico, património cultural, identidade, desenvolvimento local.

ABSTRACT

This project aims to understand the *Arte Xávega* metamorphosis in cultural heritage, its relationship with local development as well as the construction of the Praia da Vieira de Leiria identity.

The Praia da Vieira past and present, their people and knowledge were the starting point for this case study. In this work I try, using specialized literature about identity, cultural heritage, use value of objects and symbolic value of objects, to understand the *Arte Xávega* transformation in heritage at the Praia da Vieira and its contribution to the local development.

This process involved the Praia da Vieira de Leiria *Arte Xávega* study while economic activity that, mingling with the genesis of the community, still practiced nowadays. I studied the possibility of transforming utilitarian objects in symbolic objects, creating from them a cultural route, and an *Arte Xávega* interpretation center. I hope to contribute to the memory preservation of this community as well as providing some local development and entrepreneurship.

Key words: Utilitarian objects in symbolic objects, cultural heritage, identity, local development.

ÍNDICE

Resumo.....	IV
Abstract.....	V
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	7
ARTE XÁVEGA O CASO DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA: ONTEM E HOJE.....	7
Arte Xávega: as Origens na Praia da Vieira de Leiria.....	9
As companhas da Arte Xávega de Ontem.....	11
A Arte Xávega de Hoje.....	13
1. Viking.....	15
2. Lusitano.....	17
2.1. Princesa do Liz.....	18
2.2. Maroto.....	20
3. Deus TE Salve.....	22
4. Eu só.....	24
5. Senhora Da Luz.....	26
CAPÍTULO II.....	29
ARTE XÁVEGA: IDENTIDADE, PATRIMÓNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	29
Identidade.....	30
Valor De Uso E Valor Simbólico Dos Objetos.....	32
Património Cultural.....	33
Promoção Turística.....	34
Desenvolvimento Local.....	36
CAPÍTULO III.....	38
PATROMONIALIZAÇÃO DA ARTE XÁVEGA.....	38
Arte Xávega: Laços De Pertença.....	38
Roteiro/ Passeio Turístico Na Praia Da Vieira de Leiria.....	41
O Centro De Interpretação Da Arte Xávega: Sua Criação Numa Casa Palafítica.....	44
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	56
OUTRAS FONTES.....	61
Filmes.....	61

LEGISLAÇÃO.....	61
ANEXO EM CD-ROM.....	62

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

<i>FOTOGRAFIA 1- CASAS PALAFITICAS E OS BARCOS DO MAR ROBALEIRAS NA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA, ANO 1930.</i>	4
<i>FOTOGRAFIA 2 – PAREDÃO DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA, ANO 2013</i>	8
<i>FOTOGRAFIA 3 – AREAL DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA COM AS COMPANHAS LUSITANO, VINKING E DEUS TE SALVE</i>	14
<i>FOTOGRAFIA 4 – BARCO DO MAR MEIA-LUA VIKING.....</i>	15
<i>FOTOGRAFIA 5 – 1º DIA DE PESCA DO BARCO DO MAR MEIA- LUA LUSITANO DE 2013.....</i>	17
<i>FOTOGRAFIA 6 – BARCO DO MAR MEIA-LUA PRINCESA DO LIZ.....</i>	18
<i>FOTOGRAFIA 7 – BARCO DO MAR MEIA-LUA MAROTO, 2011</i>	20
<i>FOTOGRAFIA 8 – BARCO DO MAR MEIA-LUA DEUS TE SALVE.....</i>	22
<i>FOTOGRAFIA 9 - BARCO DO MAR MEIA- LUA EU SÓ.....</i>	24
<i>FOTOGRAFIA 10 – BARCO DO MAR MEIA-LUA SENHORA DA LUZ MAIS CONHECIDO POR PELES.....</i>	26
<i>FOTOGRAFIA 11 - AVIEIRAS A FAZER REDES PARA A APANHA DA ENGIA NO RIO LIS, NASSAS CONHECIDAS NA GIRIA POR NARÇAS, E A VENDER CAMARINHAS, ANO 1955.</i>	36
<i>FOTOGRAFIA 12 AREAL DA PRAIA DA VIEIRA</i>	51

INTRODUÇÃO

As minhas memórias de infância da Praia da Vieira de Leiria e a vivência da safra nas suas companhas, *Lusitano*, *Viking*, *Deus Te Salve*, no verão de 2012, levaram-me a realizar uma pesquisa que espero relevante e de interesse para esta comunidade. Centrei-me no entendimento da hipótese de metamorfose da Arte Xávega em Património Cultural, assim como na pertinência de este ser incluído no Dossier de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, a apresentar à Secretaria de Estado da Cultura e à UNESCO, por enaltecer a origem dos avieiros e as suas migrações para as margens do Tejo e do Sado.

Passar a zona de rebentação, *a cabeça do mar*, foi uma vivência que me fez sentir que a Xávega é uma Arte de desafio, que desperta o *Eu sou capaz!*

Passar a crista da onda e cair no vazio do mar, nas *vagas*, é um tumulto de emoções.

Ver a proa alta, ainda mais alta, lembra o quão pequenos somos. A Xávega é uma atividade piscatória qualificada como profissão de alto risco, leva a pensar no infortúnio, no que pode vir acontecer. O otimismo é, por isso, o maior amigo destes *Homens do Mar*.

A vivência da incerteza de que vamos ultrapassar a zona de rebentação, *a cabeça do mar*, e que vamos entrar na acalmia do mar, *contrabando*, é rompida com o meio lago que nos indica que temos de esperar por uma nova *rasa*.

A respiração foi uma aliada para que tivesse sido conseguida a expectativa depositada na ida ao mar.

É claro que os *Homens do Mar*, com a sua sabedoria, *jogam* com o saber para que a possibilidade do acaso das próximas ondas não rebentem provocando o infortúnio.

O barco, *Lusitano*, cavalgava as ondas como se as tratasse por tu, capricho ou sorte da sabedoria do *arrais* e dos restantes *Homens do Mar*.

Já em alto mar a rede era lançada com a expectativa, por parte dos *Homens do Mar*, que o peixe habitasse as águas que o *Lusitano* cavalgava com a sua proa, e, era esperado um golpe de sorte em que ele fosse arrastado até à costa e lá se entregasse ao saco. Um golpe de sorte pois a Arte Xávega é apelidada de pesca cega.

Os *Homens do Mar* transpõem todos os dias o seu destino e o acaso, ultrapassam a escassez que vem na rede e/ou a abundância que a mesma pode trazer. No sentido de que esta expectativa se confirme, o barco tem que *arribar*, ou seja, tem que sair do mar, para isso terá que encontrar uma *rasa*, os motores terão que trabalhar no seu limite máximo para que cheguem a terra, o *Lusitano* e os *Homens do Mar*.

Em terra ficou uma corda, o *recebeiro*, com ligação às *mangas* e ao *saco*, a chamada rede Xávega, que se encontra dentro do *Lusitano*. Após os *Homens do Mar* lançarem as últimas boias da corda/cabo de alagem antes das *mangas*, com a finalidade de se certificarem que a rede vem orientada, e os *calões* a si presos, indicam o início da *manga*, seguindo-se as *mangas* e o *saco* que a entrada tem a *folha de boca* com boias e a *panda-mestra* ao centro e no fim, a calima que indica o fim do *saco*.

Depois da azáfama de largar a rede há que *arribar*, voltar a terra, levando outra parte da corda, *mão-de-barco*, que está presa à *manga* e ao *saco* para assim dar início ao puxar a corda; *calões* ou *cabos de alagem*, chamados de *reçoeiro* e de *mão-de-barco*, isto é alar a rede com os *aladores* que estão presos ao eixo do motor dos tratores. Enquanto os *Homens do Mar aducham* a corda, puxá-la e dobrá-la em semicírculos, que sai do mar, voltam a colocar tudo dentro do barco o que se denomina de *aparelhar o barco*, para voltar a dar um *lanço*.

Presenciar a azáfama dos *Homens do Mar* aquando da recolha das redes, os gritos entre si e a sua tolerância para com os veraneantes é uma dicotomia de emoções. Ver nos seus rostos o alento ou o desalento da abundância ou da escassez dos reflexos prateados da sardinha, da cavala e do desejado carapau, é uma tela viva!

Em suma, vivenciar esta experiência não deveria ser privilégio de alguns mas sim de todos, por isso porque não pensar na elaboração de um roteiro turístico baseado no trajeto histórico e atual da Arte Xávega?

Serve o presente estudo de caso o objetivo de perceber a transformação da Arte Xávega em património cultural, a sua relação com o desenvolvimento local e com a construção da identidade da comunidade da Praia da Vieira de Leiria. Subjacente a este objetivo, pretende-se estudar formas e condições de preservação deste tipo de património cultural. Outro dos objetivos consiste, ainda, em identificar um possível roteiro cultural, cuja matriz seja o património cultural associado à Arte Xávega da comunidade piscatória da Praia da Vieira de Leiria. Pretende-se, por fim, criar condições para a edificação no terreno de um centro de interpretação da Arte Xávega, de forma a possibilitar aos cidadãos o conhecimento desta arte de pesca.

O local de estudo é a comunidade da Praia da Vieira. Relativamente ao processo de transformação dos objetos associados à Arte Xávega em património cultural, a construção do roteiro e do centro de interpretação dependem de financiamento e de decisores políticos, económicos e culturais, entre outros. Mas a eficácia destas medidas mede-se pela aderência de toda a comunidade, em geral, e dos pescadores em particular, aos projetos denominados. Bourdieu (1989: 116) refere que a representação é um ato que reconhece e tenta trazer à

existência a coisa nomeada, pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer a sua palavra e o poder que ela assume por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão social. O objeto de estudo centra-se nos indivíduos da comunidade da Praia da Vieira que praticam a Arte Xávega, pescadores que sejam, em simultâneo, gerentes das companhias existentes. São eles que enunciam e mantêm viva a Arte Xávega.

A metodologia adotada centra-se no estudo de caso, que é definido por Yin (em, Carmo e Ferreira, 1998: 216) como “uma abordagem empírica que: investiga um fenómeno atual no seu contexto real; quando, os limites entre determinantes fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes; e no qual são utilizadas muitas fontes de dados.” Neste sentido procedi a recolha documental.

A seleção documental é fundamental para a credibilidade do estudo. De acordo com Bell (1997), esta fase da investigação assume relevante importância para a elaboração de um documento credível. Na recolha documental é importante colocar questões relacionadas com a existência de outras fontes que corroborem a data do documento. A recolha de informação escrita assenta em diferentes instrumentos tais como estudos académicos, brochuras, folhas informativas, livros, internet e documentos individuais datados e existentes no Arquivo Distrital de Leiria assim como nas bibliotecas Municipais de Leiria e da Marinha Grande e na Associação para a Promoção da Cultura Avieira. A confrontação da informação contida nas diferentes fontes permite fazer a ponte entre uma época distante e a atualidade. A informação conseguida pela análise de documentos tem como intuito a confrontação e fundamentação da informação recolhida na observação direta e participante, nas entrevistas exploratórias e com as conversas informais registadas em diário de campo.

Todo este processo de investigação será complementado com a observação participante na comunidade a ser estudada. Num estudo de caso importa ter presente as *entrelinhas* da mensagem. Observar é mais que ver, é estar atento e ativo à mensagem, sendo que para realizar a observação direta participei com os pescadores na atividade da escolha e venda do pescado e por várias vezes estive presente no largar da rede, em alto mar, no barco do mar meia-lua. Assim, foi possível a integração e participação no grupo em observação, sendo a mesma registada em diário de campo e em registo fotográfico. A minha participação permitiu, por um lado, a recolha de informação, por outro, o acesso aos informantes para a elaboração das entrevistas exploratórias.

A opção seguinte, entrevistas exploratórias, fixa-se na importância de confirmar a observação direta participante com as ideias e pensamentos dos atores sociais da comunidade.

Desta forma, tem-se acesso aos informantes privilegiados, podendo recorrer-se à comunicação verbal entre duas pessoas, que possibilita uma melhor recolha de dados. As entrevistas foram gravadas em registo áudio, com autorização dos informantes. Posteriormente foram transcritas, sem revisão de texto e na íntegra. O seu conteúdo foi lido, analisado e organizado por temas¹ segundo Bardin (2009).

No presente estudo de caso os entrevistados, para serem diferenciados entre si, são identificados por informantes, associados ao nome das companhias que representam. A entrevista é baseada em partes da história de vida que é sempre individual e única, sendo contada a partir da perspetiva e à luz da vivência do indivíduo que narra a sua história. Ela está, portanto, imbuída de subjetividade inerente ao narrador.

O investigador deve ter um conhecimento relativo sobre o problema de partida, fazendo o menor número de perguntas. O entrevistado, por seu lado, tem liberdade total para expressar os seus pensamentos (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Enquanto observadora procurei estudar de que forma a Arte Xávega se poderia manter como memória viva para as gerações futuras enquanto atividade mais simbólica, do que económica, de um grupo. Com esta investigação procuro contribuir para a patrimonialização daquela arte de pesca. O espírito presente é o de que as gerações atuais não deixem de lado a herança que lhes foi cedida pelos seus antepassados, desenvolvendo a consciência de que devem agir para a legar às gerações vindouras.

Entendamos por Arte Xávega o processo dinâmico em volta da atividade da pesca de cerco e arrasto para terra. Envolve o barco, as redes e todos os utensílios associados à pesca, assim como a forma de pescar, a gastronomia, o vestuário, as migrações e toda a sua forma de viver e estar (Nunes, 1993, 2004, 2005; Nunes, 2008; Salvado, 1985; e Lopes e Lopes, 1995).



FOTOGRAFIA 1- CASAS PALAFITICAS E OS BARCOS DO MAR ROBALEIRAS² NA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA, ANO 1930.

Fotografia de Autor Desconhecido

¹ Ver anexo I, guião de entrevistas, e anexo II entrevistas registadas em áudio, a sua transcrição sem revisão de texto e grelha de análise de conteúdo, em CD-ROM.

² Os barcos do mar robaleiras usavam como rede de cerco e arrasto uma manga da rede Xávega que cercava os cardumes de robalos junto à costa.

Lopes e Lopes (1995: 7) referem que “esta gente continua a lutar por um modo de vida aparentemente condenado pelo progresso e pelas autoridades (...) Com isto vai-se perdendo uma tradição que foi a razão de ser de muitas praias.” Da mesma forma, Alfredo Pinheiro Marques refere que a Arte Xávega:

Está a ser sacrificada no altar de um “progresso” que, afinal, tem sido simplesmente aculturação: estúpido desinteresse (socialmente complexado), e boçal ignorância (doutoral) perante todas as tradições genuínas e todos os saberes antigos. Um “progresso” que, afinal, tem sido, uma vez mais (ainda e sempre, como em tantas outras épocas anteriores da História de Portugal...), sinónimo de desleixo, desprezo e arrogância perante tudo o que cheira a povo e a sal e a pobreza (Marques, 2010: 2).

A observação realizada na Praia da Vieira confirma que a Arte Xávega corre o risco de se extinguir, por ser uma atividade que o poder local vai *tolerando* sem tomar medidas de promoção e defesa. Importa, pois, promover a Arte Xávega junto do poder local para que este, democraticamente sufragado pelo voto popular, a possa proteger.

No trabalho de campo notou-se a falta de objetos culturais patrimonializados e de um local que ancore esse mesmo património cultural da comunidade da Praia da Vieira de Leiria enquanto referência para a identidade da mesma. Nos contactos informais com o poder autárquico e local foi visível o desapego e a pouca atenção dada ao património local. Mostraram, contudo, interesse em estabelecer uma rota turística que promova a Arte Xávega conjugada com a Cultura Avieira.

Durante a elaboração do presente projeto senti dificuldades que, de alguma forma, explicam as opções tomadas para a sua elaboração. A recolha de informação foi condicionada pela desconfiança dos pescadores, que no presente momento se encontram em luta por melhores condições nos apoios à Arte Xávega. Mais especificamente, na legalização da venda do peixe imaturo que sai no primeiro lance e na primeira venda, ou seja na venda fora da lota. As autoridades não concordam com essa atividade e têm feito fiscalização intensiva, o que dificultou a minha pesquisa. Os pescadores pensavam que eu colaborava com as autoridades. Para colmatar esta desconfiança durante a safra do ano 2012 e início da safra de 2013 envolvi-me com os pescadores na faina. Assim pude realizar a observação que permitiu quebrar barreiras com os informantes. Apliquei as entrevistas exploratórias ao invés de questionários que me davam a conhecer a população de pescadores quantitativamente, que neste caso

seriam um dado acessório. Friso a dificuldade sentida na transcrição e interpretação das entrevistas devido ao vocabulário próprio dos pescadores.

Um outro ponto é a questão de género, ou seja a nudez na troca de roupa para fatos de mergulho e vice-versa, a robustez física exigida nas atividades piscatórias, bem como certos comentários que dificultaram inicialmente o convívio e a integração. Este ponto foi colmatado ao fazer-me acompanhar com pescadores que já conhecia.

Outra questão que interferiu na investigação foi o intervalo de tempo compreendido para recolha de informação que limitou o levantamento detalhado de todo o património considerado pelos informantes, bem como a questão económica.

No sentido de concretizar os objetivos a que me proponho, o projeto encontra-se estruturado em três capítulos, antecedidos da introdução e precedidos pela conclusão.

Na introdução abordo o diagnóstico, os aspetos e as justificações que me levaram à realização do presente projeto. Apresento os objetivos e o objeto de estudo, como a metodologia utilizada e ainda as dificuldades encontradas.

No capítulo I ocupo-me em compreender as origens da comunidade da Praia da Vieira, da Arte Xávega e das companhas da Arte Xávega até a atualidade.

No capítulo II explano alguns dos conceitos chave desta investigação. Importa enquadrar teoricamente no presente capítulo os factos historiados no capítulo anterior. Neste sentido, consultou-se bibliografia que permitiu fundamentar os conceitos de identidade, património cultural e de desenvolvimento local. Está subjacente a estes, o conceito de valor de uso e valor simbólico dos objetos e de sua patrimonialização, bem como a promoção turística. Importa clarificar e articular estes conceitos entre si para que se fundamente teoricamente o estudo de caso e, deste modo, se obtenha conexão entre os dados obtidos na investigação e as conclusões da fundamentação teórica.

No capítulo III apresento os resultados do presente estudo de caso com base nas respostas conseguidas nas entrevistas exploratórias, bem em como a utilização do diário de campo onde efetuei recolha de informação proveniente da observação direta participante e recolha fotográfica das atividades diárias na dinâmica local.

E, por fim, na conclusão realizo algumas considerações com base em todas as informações obtidas e analisadas.

CAPÍTULO I

ARTE XÁVEGA O CASO DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA: ONTEM E HOJE

Não foram imagens de um filme, esses tempos! Fizeram de um cenário onde a realidade de miséria, trabalho, fome, morte e desesperança, foram a companhia desta gente (...) É importante que não seja esquecida e apagada da memória a lembrança de um povo que viveu quase sempre no limite do impossível (Vicente, 2008: 11).

A Praia da Vieira de Leiria é uma localidade da freguesia da Vieira de Leiria que pertence ao concelho da Marinha Grande e ao antigo distrito de Leiria, situando-se no litoral centro português. Os dados recolhidos na junta de freguesia de Leiria, aludem que a população residente na Praia da Vieira é de 729 pessoas sendo 342 homens e 387 mulheres.

A história e o surgimento desta localidade, sendo resultado da conquista dos homens e das mulheres às revoltas águas do mar, são indissociáveis do ofício da pesca. De acordo com Nunes (2008) a arte da pesca iniciou-se antes do povoamento da Praia da Vieira de Leiria. Por outro lado o aparecimento das companhias³ gera alguma controvérsia, não podendo ser necessariamente associado ao começo da Arte Xávega. Contudo, o trabalho nesta arte piscatória implicava a angariação de pescadores para a formação das companhias.

No verão de 2012 encontravam-se a laborar seis companhias (*Lusitano, Viking, Deus Te Salve, Princesa do Liz, Eu Só* e a *Senhora da Luz*). Segundo a observação efetuada, a conversa informal e as entrevistas realizadas aos informantes, conclui-se que em cada uma delas laboram perto de trinta pescadores, oriundos da Praia e Vila da Vieira de Leiria.

A Arte Xávega é, também, uma atração turística, como é perceptível na fotografia 2, com os veraneantes a observar, junto do paredão, a praia e a faina. Ao fundo da fotografia é visível a lota e o aglomerado de pessoas a assistir e/ou a comprar o peixe acabado de sair das redes, contribuindo, dessa forma, para a economia e desenvolvimento local.

³ Sobre as quais nos debruçamos no presente capítulo.



FOTOGRAFIA 2 – PAREDÃO DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA, ANO 2013
Fotografia da Autora

A Arte Xávega faz parte do passado mas também do presente do futuro, quanto mais não seja, pretende-se que faça parte do quadro de memórias das gerações vindouras. Assim, importa perceber a transformação da Arte Xávega em património cultural e a sua relação com o desenvolvimento local, bem como a construção da identidade da comunidade. Como refere Nunes (2009: 2) a comunidade da Praia da Vieira de Leiria é guardiã “de uma memória colectiva, ímpar no contexto da história nacional, um arquivo vivo e dinâmico”. Véstia (2012) defende que os representantes mais antigos destas populações são considerados como *portavozes da memória* que importa ouvir para salvaguardar e evitar mais perdas das memórias dos saberes, do saber fazer e dos fazeres, bem como assim fica a garantia que este conhecimento passa às gerações vindouras.

Da dinâmica do meio ambiente marítimo costeiro resultaram atividades particulares e únicas que estiveram na base da construção da identidade daquela comunidade piscatória, que se pretende estudar para melhor compreender os costumes e as mentes do povo dessa zona geográfica. A Arte Xávega é uma dessas atividades marítimas. De acordo com Alfredo Pinheiro Marques, a Xávega era exclusiva do Algarve tendo-se extinguido em meados do século passado, no que é corroborado por Mano (1997: 350) que refere a “Xávega, que era praticada no Algarve, e cuja designação veio a ser abusivamente alargada a todo o Portugal por via administrativa e burocrática”. Não se podendo afirmar ao certo quando e onde começou a Arte Xávega, sabe-se no entanto, que esta arte de pesca continua a ser praticada na

comunidade da Praia da Vieira de Leiria. Ao logo da presente investigação, Arte e Xávega surgem a par, para designar a mesma realidade cultural, a da Arte Xávega.

ARTE XÁVEGA: AS ORIGENS NA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA

O Centro de Portugal (...) [povoado por] homens e mulheres «sozinhos com Deus e o Mar» nascidos da expansão setecentista, para sul dos pescadores da Arte, com os seus palheiros palafíticos e os seus fabulosos barcos («o mais belo barco do mundo»...) em forma de meia-lua (uns e outros, os palheiros e os barcos, construídos com a mesma madeira da mesma árvore, o pinheiro marítimo dos litorais atlânticos) (Marques, 2012: 2).

Nunes (2008: 17) afirma a existência de registos “documentais que atestam a prática da pesca em diversas localidades da zona xávega”, nos séculos XVI e XVII. As zonas de pesca eram exploradas pelos lavradores das regiões agrícolas que se localizavam nos estuários dos rios, como o caso do rio Lis. No séc. XV, os lavradores desciam o rio Lis para capturar o pescado, existindo menções a uma embarcação que entrava e saía do mar pelo rio ou atravessava a praia à força de braços. É deste movimento que se dá o povoamento da Praia de Vieira de Leira, no século XVI.

Por outro lado, o rei Dinis, no século XII, não herdou um reino muito extenso e com terras férteis à sua disposição. Como Marante (2005: 68) refere “os reguengos, terras do domínio do rei ou da Coroa, encontravam-se por esta altura bastante fragmentados em unidades de exploração familiar, à exceção do extenso reguengo de Ulmar, em Leiria”. O rei Dinis traçou o ordenamento do território, para que se tornasse mais produtivo. No caso de Leiria, iniciou a intervenção com a secagem de vários pântanos, procedendo à reorganização dos cerca de 2000 hectares que compõem o Pinhal de Leiria. Substituiu os pinheiros mansos por bravos e plantou-os onde não existiam, com o objetivo de travar a destruição das dunas, a erosão pelos ventos da costa, a subida da água salgada do mar e ainda de servir os interesses comerciais marítimos, pela construção naval, a partir dos pinheiros ali cortados. As caravelas realizavam a exportação de produtos agrícolas e peixe salgado para Inglaterra e França (Cruz, 1995; Marante, 2005; Magalhães, 2012; Margarido, 1988; Nogueira, 2006; Pinto, 1938; Pinto, 1939; Nunes, 2004; Serrão, 1971).

A pesca e a extracção de sal eram actividades muito importantes para a economia ao tempo de D. Dinis. Para o seu desenvolvimento contribuíram não só a extensão e a configuração do litoral do País, dotado de bons portos, como também o regime dos ventos, correntes e marés, rios navegáveis e uma costa rica em peixe (Marante, 2005: 86).

Em suma, o desenvolvimento do litoral centro português, correspondente à região de Leiria, teve o rei Dinis como seu grande precursor, que o desenvolveu e o povoou com homens agricultores, lenhadores e pescadores.

O povoamento efetivo desta região remonta ao reinado do rei Dinis, que incentivou o modo de vida a partir da agricultura, do Pinhal e das Artes da pesca. Para Lopes e Lopes (1995: 18) “o grande areal que vai de Espinho a Vieira de Leiria era praticamente deserto e rodeado de terras inférteis até ao dia em que chegaram os pescadores da arte xávega”.

Álvaro de Campos, leiriense, realizou um filme/documentário amador denominado, *Gentes da Praia Da Vieira*, em que recolhe testemunhos das Gentes da Vieira, em 1975. O filme documenta que na zona da Praia da Vieira, junto ao rio Lis, existiam muitos estaleiros para a exploração da madeira, o que exigia a permanência de muitos homens que trabalhavam com a mesma. A sua alimentação era assegurada pelos pescadores. Assim, o Estado ofereceu facilidades aos pescadores que para ali se deslocassem⁴, concedendo-lhe madeira para a construção dos barcos e das casas e as dunas como local para a edificação das mesmas.

A madeira começou a ser utilizada para outros fins que não os transportes, levando o Estado a abandonar os estaleiros. O vento destruía as casas, o rio alagava-as e tudo quanto estava no seu caminho e os invernos rigorosos impediam a pesca. Estes fatores obrigaram as *Gentes da Praia da Vieira* a migrar, uns foram para o norte e beiras serrar lenha, outros para o Alentejo, mas, a maior parte, ia para a borda-d'água, para o rio Tejo⁵.

Estando extinto o ofício de serrador e permanecendo ainda hoje em menor escala o ofício de agricultor, destaca-se, ainda, o ofício de pescador, que permanece como testemunho vivo de um modo de vida que levou ao povoamento e ao desenvolvimento local a partir de um recurso endógeno, o pescado. A Arte Xávega teve um papel preponderante na génese da Praia da Vieira de Leiria.

⁴ Os pescadores deslocavam-se de várias localidades: Quiaios, Leirosa, Mira, Ílhavo, entre outras. As suas famílias eram, frequentemente, alcunhadas com os nomes das terras de onde vinham.

⁵ Carriço (2013: 13) refere “a faina da pesca na arte xávega, deixada pelos nossos antepassados, era uma profissão ocupada na época da primavera, verão e, por vezes, parte do outono. Estas gentes (...) passavam o resto do ano dedicando-se à pesca do sável e das enguias nos rios do Alentejo e do Ribatejo. Outros com as suas serras braçais, deslocavam-se para os pinhais na Beira Alta, abatendo e serrando os pinheiros dessas matas, deixando nesses locais toda a cultura e costumes destas gentes de Vieira.”

AS COMPANHAS DA ARTE XÁVEGA DE ONTEM

As companhias da Arte Xávega da Praia da Vieira agregam todo um conjunto de indivíduos e artes ligadas à pesca. Destas fazem parte pescadores carpinteiros que constroem os barcos e os mantêm em condições de ir ao mar, pescadores remendões que fazem as redes e as remendam, pescadores vendedores, pescadores que vão ao mar largar a rede e pescadores que fazem os trabalhos de terra, assim como os materiais. O informante da companhia *Senhora da Luz* lembra:

Os pescadores passaram muito! Esta gente passou muito! Porque foram muitos anos, foram muitos anos de miséria, (...) até se erguerem e de repente q'ando conseguem alguma coisa tá-se-lhe a ser retirado tudo e mais alguma coisa. E isto requereu muito trabalho, muita luta, (...) muita luta!

Nunes (2004: 15) apresenta três períodos temporais da evolução e organização das companhias da Arte Xávega: *o tempo dos senhorios*, *tempo das sociedades* e *o tempo de resistência*.

O primeiro, *o tempo dos senhorios*, que vai desde o liberalismo até aos anos 30 do século XX é marcado pela “liberalização progressiva, pela penetração do capitalismo na pesca e pela proletarianização dos pescadores”. As companhias passaram de sociedades constituídas por vários investidores para um número reduzido de investidores/patrões.

Um outro período surge após a especulação capitalista, denominado, *o tempo das sociedades*. Nesta altura desapareceram várias companhias, despontando novas sociedades que se desagregam dando lugar a companhias mais reduzidas. Este período vai desde o final dos anos 30 até aos anos 50 e 60, do século XX, onde desaparecem as duas últimas grandes embarcações, os *Raposeiros* e os *Falcões*.

O último período, *o tempo de resistência*, em que se dá a multiplicação das pequenas sociedades e a redução das companhias, barcos e redes. Nunes (2004) diz-nos que, este tempo abrange as últimas três ou quatro décadas do século XX até aos dias de hoje⁶.

Esta evolução das relações e da dinâmica da Arte Xávega tem um papel importante no desenvolvimento da identidade local e regional e numa leitura de percursos sazonais a nível nacional.

⁶Ver Nunes, Francisco Oneto (1993), *Vieira de Leiria. A História, O Trabalho, A Cultura*, Vieira de Leiria: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria. Capítulo *A Pesca da Xávega* pp. 203-225. Nesta parte do texto, o autor realiza uma investigação e enuncia os barcos existentes do tempo da resistência.

Nos três séculos passados, XVIII, XIX e XX, a comunidade piscatória da Praia da Vieira de Leiria, conhecidos como os Avieiros, iniciaram um dos processos migratórios para os rios Tejo e Sado, difundido assim pelo país a Cultura Avieira com raízes na Arte Xávega. Redol (1967: 34) na sua obra *Avieiros* menciona que “ir para o rio de Lisboa tornara-se viagem de muitos; era caminho antigo da gente da Vieira.”

O presidente da junta de freguesia de Vieira de Leiria aquando da entrevista afirma:

A Cultura Avieira está viva ainda. Mas digamos que tomou um novo alento com este movimento da apresentação da Cultura Avieira a Património Nacional. Restam ainda alguns avieiros ou pessoas que nasceram ainda no Tejo e outros que foram em pequenos avieiros e essas pessoas tem um interesse muito particular em avivar, em sobre tudo não deixar morrer essa que é uma parte importante da história da Praia da Vieira.

A minha investigação permitiu contactar os *porta-vozes* da Cultura Avieira: Primavera Lourenço Mira, Maria Secundina Botas Rego Farto, Augusto Pelena, Idalina Tomé Pedrosa, Maria de Lurdes Penela, Adriano Tomé e Adriano Tomé Pereira. Recolhi dados de uma parte da sua história de vida, que possibilitou a concretização da brochura informativa⁷ entregue a cada um dos avieiros mencionados, numa homenagem realizada no dia 29 de junho de 2013, na Praia da Vieira de Leiria, aquando da festa de abertura da época balnear.

Salvado lembra:

Quando o inverno chegava e o vento punha em movimento as areias brancas e trazia as nuvens negras carregadas de chuva dos lados do mar, parecia também dar movimento a toda a população da praia: os homens do mar tornavam-se serradores, comerciantes, comerciantes de peixe, pescadores doutros rios (Salvado, 1985: 11).

O movimento migratório dos avieiros foi perdendo intensidade entre os anos 30 e 50 do século XX. Após um período de epidemias, seguiram-se anos de escassez de peixe, dificuldade da pesca pelas águas revoltas do mar, a incerteza da continuidade das companhias devido à mudança frequente de donos, o aumento do número de filhos e as despesas inerentes às deslocações influenciaram os avieiros a fixarem-se nas margens dos rios Tejo e Sado, e na praia (Nunes, 2004; Nunes, 2008; Véstia & Rafael, 2012).

⁷ Ver anexo III, Homenagem aos Avieiros, em CD-ROM.

Este movimento migratório está extinto. Os Avieiros entrevistados mencionam que iam para o rio Tejo por ser um *processo migratório de linhagem, nos meses de inverno não se praticar a Arte Xávega e para ter o que comer.*

Como a sazonalidade da Arte Xávega ainda se mantém, urge perguntar do que vivem hoje os pescadores? Uma das formas é a pesca do meixão, atividade ilegal da Praia da Vieira de Leiria; da apanha do perceve, da enguia, da lampreia, do berbigão e da amêijoia no rio Mondego; da pesca com o auxílio da rede: majoeira⁸, branqueira e tarrafa, sendo esta ilegal, e do corrimão⁹.

O inverno 2012/2013 foi particularmente rigoroso, com consequências na faina piscatória, como testemunhado pelo informante da companhia *Senhora da Luz*:

Alguns [pescadores] tem licenças das majoeiras, é pá e este íano facto foi fraco (...) custa-me também a aceitar como é que eles conseguiram sobreviver este inverno, mas prontos são pessoas que ariscam outra área, vamo lá ver, são pessoas que nã conseguem tar paradas, o vão com as ameijoeiras ou vão com a cana ou fazem sempre qualquer coisa p'ra tentarem sobreviver. Mas este inverno foi um bocado doloroso!

Esta dinâmica contribuiu para o desenvolvimento local da comunidade da Praia da Vieira de Leiria deixando como testemunho vivo um conjunto de bens que devem constituir hoje o património cultural de comunidade.

A ARTE XÁVEGA DE HOJE

As companhas de hoje evoluíram a partir dos usos e mestrias dos *Homens do Mar de ontem*. As suas memórias trouxeram até aos dias de hoje um conjunto de bens associados à Arte Xávega que importa salvaguardar. Marcaram também as vidas dos trabalhadores desta vila costeira.

⁸ Meijoeira ou ainda ameijoeira, nomes que se dão à rede de emalhar que os *Homens do Mar* colocam nos bancos de areia, coroas, mar adentro na baixa-mar.

⁹ Trabalho de investigação realizado pela autora e publicado pelo Instituto Politécnico de Santarém com coordenação do Gabinete Coordenador do Projeto. Rodrigues, Hélia Carla Amado (2013), “Artes de subsistência dos pescadores da Vieira de Leiria”, em *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (34), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém. Ver anexo IV, em CD-ROM.

Na Praia da Vieira de Leiria existem cinco sociedades de pescadores ligados à Arte Xávega. São elas *Viking*, *Deus Te Salve*, *Eu Só*, *Senhora da Luz* e *Lusitano*.

Estas cinco sociedades estão divididas em sete companhias, correspondentes a outros tantos barcos. Três barcos e respetivas companhias pertencem há mesma sociedade, a do *Lusitano*, em que para além do barco *Lusitano*, se incluem o *Princesa do Liz* e o *Maroto*.



FOTOGRAFIA 3 – AREAL DA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA COM AS COMPANHAS LUSITANO, VINKING E DEUS TE SALVE
Fotografia da Autora

O informante da companhia *Deus Te Salve* historiza as suas memórias e narra o fim dos grandes barcos, *Raposeiro* e *Falcão*, nos anos 70, do século passado. Na sua perspetiva deveu-se ao facto de não haver homens nem juntas de bois que puxassem as redes. Para colmatar essa falta, os *Homens do Mar* construíram barcos e redes mais pequenas puxadas a tirante, atividade que persistiu até ao ano 2004.

Nos últimos quarenta anos verificou-se alguma inovação nas artes de pesca, facto afirmado pelo informante da companhia *Deus te Salve*:

Depois, passados estes 30 e tal anos (...) chegou-se à conclusão que se tava a pescar muito perto, porque com essas redes tinha-se que se pescar muito perto (...) Meia dúzia de pescadores que voltaram novamente a inovar ou a renovar o sistema de pesca e voltaram ao antigo, redes maiores e barcos maiores só que a única diferença (...) eram as redes puxadas por tratores, e pronto houve

uma companhia (...) Viking(...) que fez isso e que começou a dar algum resultado.

(...)

[Os] Viking compraram uma companhia à Costa de Lavos e trouxeram-na para aqui, para a Praia da Vieira. Pronto, depois houve mais uns quantos pescadores que acharam que as coisas estavam a resultar e pensaram também em formar uma companhia com essas dimensões.

1. VIKING



FOTOGRAFIA 4 – BARCO DO MAR MEIA-LUA VIKING

Fotografia da Autora

O *Viking* era o nome atribuído a este barco na Costa de Lavos. Na Praia da Vieira de Leiria a embarcação e respetivos pescadores são denominados por *Moreiras* e *Talibans*.

O informante da companhia *Deus Te Salve* descreve as razões destas alcunhas:

Moreiras, porque também é uma companhia que vem de uma licença que era de um outro barco (...) esse barco chamava-se (...) a Princesa do Liz (...) e essa alcunha transitou para os Viking, a quem lhe chame Moreiras. São alcunhas que se vão adquirido umas com nomes de família, nome das famílias que entregam essas sociedades, alcunhas ou rótulos que são colocados às vezes por questões de piada e que pegam.

As alcunhas nascem do dia-a-dia da faina, não se aplicam só às companhas, mas também aos pescadores que nelas laboram. Uma parte das alcunhas herdada dos pais. Outra parte é inventada no dia-a-dia.

O informante sócio e pescador da companha *Viking* é filho e neto de pescadores e pescador da Arte Xávega. Inovou, adquirindo uma arte maior, narra:

Isto é assim, eu trabalhava com um barco que era o Princesa do Liz, que era mê e do mê pai (...) e nunca abandonei a Arte Xávega. E depois como a Arte Xávega aqui nã dava muito e a gente sabia que na Costa de Lavos, na Praia de Mira já dava algum dinheiro e então a gente, o pessoal que tínhamos ali a Princesa do Liz, (...) andávamos a procurar de encontramos uma arte maior! Porque era que eles lá faziam muito dinheiro e a gente andávamos ali a trabalhar e praticamente ganhávamos 80€ por cinco meses ou seis, 80€? Oitenta contos! E era muito pouco na verdade fartávamo-nos de trabalhar e nã ganhávamos dinheiro.

O sócio e pescador da companha *Viking* e seus familiares já tinham inovado anteriormente com o barco *Princesa do Liz*, ao navegarem a motor. Afirma que o barco *Princesa do Liz* e o “*Eu Só* (...) eram esses dois barcos que já tinham motor e *ós depois* foi o *Maroto* que começou usar com motor, agora também o (...) *Peles* (...) agora já tudo tem motor!”

Na companha dos *Viking* trabalham vinte e seis *Homens do Mar* dos quais vinte e um são da Praia da Vieira de Leiria e os restantes são da Vila da Vieira de Leiria. Todos trabalharam desde sempre na Arte Xávega. Quatro destes homens só vivem da pesca, sem ter outro meio de subsistência. A idade avançada, que lhes tira a mobilidade física, é um dos principais fatores do seu abandono.

O informante da companha *Viking* testemunha:

*Neste momento acho que é uma necessidade mesmo a gente andar na Arte Xávega, o mar está tão bravo ... é uma necessidade como o país está que a gente nã tiver a Arte Xávega? [Contudo, o mesmo lembra:] quando comecei já nã era tanto. Na altura que comecei com o barco *Viking* nã era tanto, o emprego tava melhor, as coisas tavam muito mais baratas e a partir dai a uns*

sete oito anos para traz nota-se muita a diferença, mesmo na venda do peixe se nota!

2. LUSITANO



FOTOGRAFIA 5 – 1º DIA DE PESCA DO BARCO DO MAR MEIA- LUA LUSITANO DE 2013
Fotografia da Autora

Um dos sócios sugeriu que o nome do barco fosse *Nossa Senhora dos Navegantes* ou *Lusitano*. Os pescadores escolheram entre esses, o nome de batismo, *Lusitano*, numa cerimónia que se realizou na Vila de Vieira de Leiria. O barco é também alcunhado entre os pescadores de *Cavalos*.

O informante da companhia *Deus Te Salve* relata porquê:

Pelo facto de eles terem os cavalos. Pronto, os cavalos que têm desenhados no barco, fazem alusão ao próprio nome que é Lusitano, o celebre cavalo lusitano (...) talvez seja mais prático, ou não sei? Começaram a referir-se a eles como a companhia dos Cavalos (...) portanto já tem a alcunha (...) não se vêm livre dela, penso eu!

Após laborarem com a companhia *Princesa do Liz*, surgiu a ideia de aumentarem o número embarcações. Mantiveram o barco *Princesa do Liz* e adquiriram o barco *Lagoa Azul*, mais conhecido por *Amarelo*, à Praia de Mira, e assim nasceu o *Lusitano*.

O barco *Princesa do Liz* ainda hoje labora e pertence à sociedade do *Lusitano*, assim como o *Maroto* partilhando a força braçal dos *Homens do Mar*.

Na companhia do *Lusitano* laboram trinta e um *Homens do Mar*. Destes, quatro são da Praia da Vieira de Leiria e os restantes da Vila de Vieira de Leiria.

O informante das companhias *Lusitano* e *Princesa do Liz* impulsionou assim o aumento da embarcação, *Princesa do Liz*, para onze metros.

Na altura nem eramos p'ra fazermos um barco tão grande! Era p'ra construirmos um barco como os que cá estão na Praia da Vieira, que ficava monetariamente muito mais barato que o que gastámos, três vezes mais! Mas prontos, como o investimento era muito grande tentámos arranjar sócios, dez sócios, na altura ficaram onze.

O informante da companhia do *Maroto* lembra o porquê do barco *Lusitano* ser azul:

Olha, a ideia do barco azul foi minha, (...) sempre quis o barco azul, já o meu Maroto era azul. E eu sempre gostei da cor azul, p'ra mim é a cor mais bonita que há! E gostei de porem o barco azul então arranjamam maneira de pôr o azul com as ondas e os cavalos (...), foi uma boa ideia!

2.1. PRINCESA DO LIZ



FOTOGRAFIA 6 – BARCO DO MAR MEIA-LUA PRINCESA DO LIZ
Fotografia da Autora

Princesa do Liz, foi o nome atribuído à embarcação pela sua madrinha, aquando do batismo na Praia da Vieira de Leiria. Os homens desta companhia eram alcunhados de *rabezanas* e *espanhóis*, pelos vieirenses.

O informante das companhias do *Lusitano* e da *Princesa do Liz* descreve:

Havia muita gente com pouca experiência e na altura com um barco grande, ninguém tinha! Quem trabalhava com um barco maior era eu mas ninguém tinha experiência a trabalhar com um barco maior e com redes tão grandes. E atão os outros chamavam-nos rabezanas quando nos viam trabalhar.

(...)

Quando tava no Pedrogão chamavam-nos os Espanhóis, (...) porque nós não eramos de lá chamavam-nos os espanhóis.

O informante do *Lusitano* e *Princesa do Liz*, sócio e pescador comprou-a há oito anos e lembra:

A [companha] Princesa do Liz tem quarenta anos de Praia da Vieira. (...) Era do Rui Mira, (...) é um dos donos do Viking, foi quando eles trouxeram o Viking p'ra cá, depois (...) [a companha] ficou a venda e eu adquirei (...). Eu fiz sociedade com o Pedro Parreira ou Pedro Cagana, (...) eu queria lançar e depois ele também quis. Eu já tinha outras embarcações e trabalhava na fábrica dos vidros que fechou, e atão tinha que me agarrar a alguma coisa, e então agarrei-me a Arte Xávega. (...) Adquirimos a embarcação e construímos quase tudo. Não tinha nada quando a compramos e fomos pescar p'ra Praia do Pedrogão, p'ra zona que pertence à Figueira da Foz.

Este informante fala da pesca com paixão, demonstrando gosto pelas suas artes desde a infância. Refere, “eu também já pescava, já tinha pescado na Praia da Vieira e na altura pescava na Praia do Pedrogão na companhias dos outros (...) no *Gaivota da Praia* e pesquei [na Praia da Vieira de Leiria] no *Maroto*”. O seu sócio, por seu lado, tinha o pai com uma companhia na Praia do Pedrogão, povoado vizinho. Ambos iniciaram a safra na Praia do Pedrogão, vindo posteriormente para a Praia da Vieira de Leiria. O informante do *Lusitano* e *Princesa do Liz* descreve:

Nós viemos p'ra Praia da Vieira porque nós não fomos bem recebidos na Praia do Pedrogão! Roubaram-nos redes, danificaram-nos tratores era complicado lá estar! ... Nós não somos de lá e irmos p'ra lá fomos interferir com os que lá estavam então. [Quando iniciaram na Praia do Pedrogão existiam duas companhas:] uma era do pai do Pedro nessa não havia problemas só que tava uma a pescar no limite da área de jurisdição da Nazaré e nós pescávamos também mas já do lado da Figueira da Foz (...). [Devido a este clima tempestuoso regressou a Praia da Vieira] (...) eu pedi transferência da Praia do Pedrogão, da Princesa do Liz para a Praia da Vieira, a Princesa do Liz já pertencia à Praia da Vieira.

2.2. MAROTO



FOTOGRAFIA 7 – BARCO DO MAR MEIA-LUA MAROTO, 2011
Fotografia de Carlos Monteiro

O *Maroto* é propriedade do informante, que também é mestre e sócio da sociedade do *Lusitano*.

A história do *Maroto* está interligada com a história de vida do informante. Este é bisneto, neto e filho da família *Falcão*, proprietária do barco homónimo, um dos últimos grandes barcos da Praia da Vieira.

O informante da companhia *Maroto* revive as suas memórias,

Falcão! Primeiro era o Falcão Velho que era do meu visavô, depois (...) era um barco, muita grande, (...) desistiram porque era muita gente, era muita gente! Muito pessoal envolvido e começaram a abandonar. (...) Depois fizeram o Falcão Novo que foi o meu avô mais o irmão (...) que acabou por morrer aqui assim mais ou menos onde nós estamos, apodrecer aqui (...). Depois acabou-se! (...) Acabou a pesca começaram a comprar barcos mais pequenos houve aí um ano ou dois de interregno, acho eu! Começaram a comprar barcos mais pequenos onde veio a Princesa do Liz (...) mas o Falcão Velho e o Falcão Novo era dos mê's avós.

A família *Falcão* foi uma impulsionadora da Arte Xávega na Praia da Vieira de Leiria bem como do movimento migratório para o Tejo. O informante enaltece o avô dizendo que “era avieiro vinha *p’ra qui* no verão”, mas também já o seu bisavô era avieiro.

O barco *Maroto*, de modestas dimensões perto dos barcos dos seus avós, é um testemunho dos lendários *Falcões* da Praia da Vieira. É fruto de uma história e da vontade de ser pescador do informante, que conta:

P’ra mim ã é uma profissão, nem pode ser! Quem fizer profissão da pesca, pelo menos aqui na nossa zona, ã consegue viver, ã consegue sobreviver! P’ra mim é mais um vício que eu tenho porque isto nasceu comigo, pronto está-me no sangue!

É da vontade de ser pescador que este procurou com o sócio, *Carocho*, um barco:

O Maroto foi aqui à uns 10 anos. Eu mais um colega, havia ai um homenzito na praia que tinha um barco arrumado já à vários anos, ão pescava com ele, e eu mais esse colega fomos falar com esse homenzito [Ti Carriça] e compramos-lhe o barco. Que era um barco a remos mais pequenino [tinha 3 metros e 80 centímetros], andámos um ano ou dois com esse barco e depois

mudámos para um barco grande, um barco maior a motor mais um metro e meio [tinha 5 metros e 30 centímetros], que era o Maroto [o informante mais tarde comprou a parte ao colega] e ainda trabalhámos cinco ou seis anos com ele, até que surgiu esta ideia de formar a companha do Lusitano com mais malta e um barco muito maior.

O mesmo diz que o *Maroto* “*tá a mê nome mas (...) aquela companha que eu tinha foi absorvida pela do Lusitano*”. O *Maroto* está presentemente num barracão na Vila de Vieira de Leiria, não se encontrando a laborar na faina.

O nome de *Maroto* tem o acaso como padrinho, contando o informante:

Na altura pronto, nós fomos à Capitania e a mulherzita perguntou-nos lá qual era o nome do barco, nós nã íamos preparados e ela chamou lá Maroto na sei aquém e olha fica mesmo Maroto e calhou, ficou Maroto e ficou bem!

3. DEUS TE SALVE



FOTOGRAFIA 8 – BARCO DO MAR MEIA-LUA DEUS TE SALVE
Fotografia da Autora

Em 2006 existia uma companha com um barco de quatro metros e cinquenta centímetros aparelhado com redes pequenas. Pertencia a dois primos, os *Sequeiras*, nome pelo

qual a companhia também era conhecida. Hoje, batizado de *Deus Te Salve* continua alcunhado de *Sequeiras*. O informante desta companhia recorda a sua ligação ao barco e à companhia:

Com a licença desse barco, (...) percorremos os parâmetros legais exigidos pela Capitania, tivemos que comprar (...) mais três ou quatro licenças doutras Artes. Só existia uma licença da Arte Xávega (...) mas para podermos fazer um barco com (...) 8 metros e 90, (...) tínhamos que comprar outras licenças, não importava que fossem, (...) d'outras Artes, podia ser das branqueiras ou ... da pesca do mexilhão, ou do berbigão ou de qualquer coisa (...). Essas licenças juntas com licença da Xávega podíamos fazer um prolongamento do barco, da embarcação (...). Tratámos de tudo, comprámos redes (...) investimos (...) fizemos esse barco com 9 metros, comprámos três tratores na Praia de Mira, começámos com duas redes, hoje temos oito (...). Éramos dez sócios na altura, agora somos onze, investimos na altura 15 mil euros, 15 mil euros a 6 anos, sim, à 6 anos, e pronto foi assim que nasceu a companhia do Deus de Salve.

Na companhia do *Deus Te Salve* trabalham em média vinte e cinco homens pescadores, o informante relata, todos têm ligação à Arte Xávega desde a infância:

Trabalhos que eram feitos pelos miúdos nas companhias antigas. Penso que seja só eu, os outros já trabalharam, começaram a trabalhar realmente na pesca mas nos tais barcos mais pequenos, que houve seis ou sete na Praia da Vieira em que as redes eram puxadas pelos próprios pescadores e eles começaram aí com treze anos, catorze anos com os pais a trabalhar nessas companhias.

4. *EU SÓ*



FOTOGRAFIA 9 - BARCO DO MAR MEIA- LUA EU SÓ
Fotografia da Autora

A companhia *Eu Só*, alcunhada de *Batalha*, herança do avô do atual proprietário do barco.

O informante da companhia *Eu Só* é o único proprietário do barco do mar meia-lua com o mesmo nome da companhia. Trabalham com ele, doze a treze pescadores. Um é de uma aldeia perto, Outeiro da Fonte, dois são da Vila da Vieira de Leiria e os restantes dez da Praia da Vieira de Leiria.

O informante conheceu e trabalhou nos grandes barcos no tempo das sociedades, recordando:

Lembro-me bem dos barcos grandes: da Redinha [com o nome de batismo Infante D. Henrique] e do Falcão [nome o nome de batismo Conquistador]. Lembro-me desses barcos todos! Cheguei a trabalhar no Falcão e na Redinha cheguei lá a ir mas era puto ia lá à frente, não trabalhava lá [dentro do barco], eram barcos grandes íamos passear!

O mesmo testemunha que tem a sua história de vida indissociada à Arte Xávega. Trabalha desde a infância nestas Artes, com o seu pai:

Na [Sónia Maria] companha do mê pai eu trabalhei toda a vida, trabalhei na companha do mê pai desde que nasci! E, o Eu Só tanho só há 1 ano, só trabalhei com ele o ano passado [2012], mais nada!

Adquiriu a companha *Eu Só* com sete metros para acompanhar a inovação dos outros pescadores.

Olha à uma porque os barcos tornaram-se maiores, as redes tornaram-se maiores e a Sónia Maria era pequenina. Então havia aí um barco à venda [que era de Adriano Quiaios mais conhecido por Carochó e de José Morganiça o Ti Carcaça] e eu comprei-o! Fiz redes maiores, não tão grandes como as deles (...) porque se formos ver isto não é Arte Xávega, tás a ver, não é Arte Xávega! Arte Xávega é um barco pequenino a trabalhar sem tratores, como faziam antigamente, isso é que é Arte Xávega! Porque isto já não é Arte Xávega, digo-te já! (...) Isto é uma comercialização, isto é um comércio como outro qualquer, e é verdade!

O informante da companha *Eu Só* afirma ter trabalhado nos barcos grandes, no *tempo das sociedades*, maiores que os de hoje. Mas tem bem presente na sua memória o *tempo da resistência* em que os barcos de tamanho reduzido permitiam o uso de redes mais pequenas e de menos força braçal. Desta árdua atividade recorda:

É preciso gostar daquilo, não é andar lá só por andar. Porque se andares lá por andar nunca aprendes, entendes? Nunca aprendes porque tenho 50 anos nasci ali, (...) eu é que faço as minhas redes, as redes sou eu que as faço! Ando a fazer uma nova agora tive toda a tarde de volta dela, eu é que é que as faço. Anda ali muita gente só por andar só p'ra ganhar algum, entendes? Porque, como é que eu te hei de explicar, mais da metade, só três ou quatro pessoas é que conseguem fazer redes aqui. Há aqui quatro ou cinco barcos, são quantos pescadores aí ao todo vinte, quarenta, sessenta, oitenta (...) sejam cento e tal pescadores, quatro ou cinco é que sabem fazer redes os outros nã sabem, ninguém sabe fazer redes andam lá por andar.

5. SENHORA DA LUZ



FOTOGRAFIA 10 – BARCO DO MAR MEIA-LUA SENHORA DA LUZ MAIS CONHECIDO POR PELES
Fotografia da Autora

A companhia *Senhora da Luz*, alcunhada de *Peles*, numa herança dos avós e dos pais do atual proprietário, é das únicas herdadas do *tempo da resistência*.

O informante da companhia *Senhora da Luz* é proprietário, conjuntamente com dois irmãos. Na sua voz fica o testemunho da história desta companhia da Praia da Vieira de Leiria.

Isto é uma companhia que é herdada do mê falecido pai. Mê pai trabalhou sempre no mar, q'ando já os barcos grandes. Foi sempre um apaixonado p'la pesca local que é a Arte Xávega! E a partir daí (...) com 18 anos já era chefe de um barco grande [Infante D. Henrique conhecido por], (...) a Redinha (...). Depois começaram a surgir os barcos mais pequenos [em 1972, 1973], ele tinha um que era o José Carlos, (...) eu aos 19 anos com outros amigos da me'ma idade formamos o barco Os Jovens [em 1977] e não pude acompanhá-lo na pesca. Depois, mais tarde, ele vendeu esse barco José Carlos e comprou um barco pequenino que era o barco mais pequeno que estava na Praia da Vieira. Então de vez enquanto ia p'ra lá com a sua dedicação, só podiam ir 3 pessoas, era eu, era o Beto Sapateiro (que era empregado bancário) e era o Paulo Gomes que era massagista (...). Depois mais tarde como ele era um apaixonado p'la Arte Xávega comprou este a um primo dele, que é o Senhora

da Luz, [com três metros e setenta sentimentos]. E depois nós agora temos o barco para tentar dar continuidade áquilo que ele nos deixou.

O barco, *Senhora da Luz*, possui motor. Todas as outras funções desta atividade piscatória são realizadas recorrendo à força braçal. É a única onde se pesca junto à foz do rio Lis. Pescam nas zonas concessionadas e vendem o peixe no areal, como outrora. O informante da companhia refere:

A gente até vende à beira-mar porque o barco é muito pequeno, traz muito pouco pe'xe e a gente é mais p'ra divertimento e para representar a verdadeira Arte Xávega. Porque nós não usamos nem trator, nem bois, fazemos nós isso tudo. [Na Senhora da Luz todo o processo é braçal] é tudo com o tirante portanto é só para lembrar o que é que é, para continuar! Só que aqui temos uma coisa, enquanto que na Nazaré essa participação p'ros turistas é paga pela Câmara, aqui (...) se nós pensarmos em não trabalharmos este ano, sabe que não há grandes condições para trabalharmos, porque ganha-se muito pouco nessa companhia. É mais p'ra atração turística, é uma maneira de eu e os mê's irmãos mantermos de pé meia dúzia de anos, (...) mas é mais p'ra mantermos a tradição do que propriamente ganhar dinheiro!

Os *Homens do Mar* que trabalham na companhia *Senhora da Luz* são dez, quatro da Praia da Vieira de Leiria e os restantes da Vila da Vieira de Leiria, como mencionado pelo informante:

Embora seja uma rede pequenina requer quatro pessoas a puxar de cada lado portanto trabalham mais seis ou sete pessoas. (...) A maior parte não tem carta de pescador mas serve p'ra pescar. Porque, é como eu digo, o barco é pequeno só vão três [pessoas] ao mar e tenho os mê's dois irmãos mais o arrais.

Em resumo, em a *Arte Xávega de Hoje*, pretendemos apresentar e explorar as sociedades, as companhias e os barcos que laboram na Praia da Vieira de Leiria na atualidade. Ouvimos e observámos as atividades da faina marítima na voz dos seus dinamizadores. As origens, as dificuldades, mas também o prazer de trabalharem no mar, as angústias, os ganhos

e as perdas associadas à Arte Xávega desta localidade, foram assim relatadas pelos seus atores na sua pessoa.

CAPÍTULO II

ARTE XÁVEGA: IDENTIDADE, PATRIMÓNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Ao longo do capítulo anterior observa-se a identificação das gentes da Praia da Vieira com a Arte Xávega e a *paixão* pela mesma que parte da comunidade piscatória tem. Os informantes evidenciam o desejo de manter *viva* esta arte, parte das suas vidas sociais e culturais, passando de geração em geração, os saberes da mesma. É mais que um ofício que lhes garante a sobrevivência, é um saber fazer, estar e ser, legado pelos seus antepassados que contribuiu para o desenvolvimento local da Praia da Vieira de Leiria e a ergueu como a conhecemos hoje. Esta dinâmica deixou como herança um conjunto de objetos que contribuem para a identidade coletiva local, e se pretende transformados em património cultural da comunidade.

Os objetos têm um valor de uso, indispensável para os fazeres do dia-a-dia mas constituem também um legado identitário coletivo, participando das festividades comunitárias.¹⁰ Pode-se afirmar que a Arte Xávega tem dado um contributo significativo para o desenvolvimento local, do ponto de vista económico, e para a construção da identidade da comunidade da Praia da Vieira de Leiria, na perspetiva simbólica. Os objetos ligados à Arte Xávega são passíveis de transformação num dos principais referenciais da memória identitária coletiva. A partir deste momento, em que os objetos passam a deter um valor simbólico, é-lhes atribuído o estatuto de património cultural (Ballart, 2002).

Torrice (2006) e Peralta (2008) defendem que se pode associar património cultural à identidade, por ser uma síntese simbólica, contudo importa delimitar e definir património pelo seu valor de uso e de pertença ao grupo. Neste sentido, Magalhães (2005: 11) refere que “o investimento que a sociedade local faz no que define como seu património, sendo substancial, demonstra como aquele se tornou basilar na definição de identidade local, regional, nacional, e, mais recentemente, global”, ou seja, o património cultural não é um somatório de bens é

¹⁰ Todos os anos se realizam as festas em honra dos padroeiros: Nossa Senhora Dos Navegantes e de São Pedro, no terceiro fim de semana de agosto. No anexo V, trabalho de investigação realizado pela autora e publicado pelo Instituto Politécnico de Santarém com coordenação do Gabinete Coordenador do Projeto. Rodrigues, Hélia Carla Amado (2013), “Praia Da Vieira de Leiria: Festas em honra de Nossa Senhora dos Navegantes e de São Pedro”, em *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (34), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém, em CD-ROM, no registo fotográfico dos festejos, são visíveis os trajes dos pescadores e a honra e fé com que os empossam.

tudo o que traduz as atividades de uma comunidade. Brito (2006: 44) acrescenta que o “património supõe sujeitos que podem não ser linearmente identificados e que se movimentam e se substituem em torno do mesmo bem”. Deste modo, a construção da identidade de um grupo, passa pela visão que os diferentes atores sociais têm de si mesmos, no grupo de pertença e, essa identidade, nasce do sentimento de diferença e pertença que os elementos sentem dentro e entre si, e para com o estrangeiro. Esta diferenciação faz-se por diversos fatores, nomeadamente pelo património cultural.

O património cultural é, então, um guardião das memórias locais, Magalhães explica que ele é um referente de:

[M]emórias culturais locais, nacionais, globais e outras. Assim, ora se refere a religião, a gastronomia, os trajes ou tradições orais, subjacentes ao modo como os grupos humanos têm construído as suas vidas, ora se apela para a importância dos vários objectos metamorfoseados em património, que passam a construir metonímias e metáforas das capacidades artísticas mais refinadas das gentes locais, numa alusão à excelência da criatividade e de realização cultural comunitária (...) há muito que saltou para fora das quatro paredes do museu (Magalhães (2005: 11; 83).

Peralta e Anico (2006: 1), ao falarem de património, enunciam-no como sendo “«bom» e que «perdê-lo» implica também «perder» identidade e que isso é «mau» e, portanto, deve ser evitado”. O património cultural, neste sentido, ganha um papel de âncora da identidade, coletiva e individual, tendo como resultado o *estaqueamento* da própria comunidade ao local. Peralta (2006: 83) acrescenta que o património, “enquanto meio cultural de objetificação da memória permite, assim, negociar a mudança e um subsequente posicionamento do local na estrutura social global, tomando por base a valorização de certos componentes locais, que estão na base e ou reforçam a identidade local no palco global.

IDENTIDADE

O objetivo deste subcapítulo é definir o conceito de identidade na vertente das ciências sociais. Estas apresentam-nos duas visões, ou seja, a visão das *psi*, psicologia, psicanálise, etc., e a visão da antropologia e da sociologia.

As *psi* apresentam estudos sobre identidade *dentro da mente*. Veronese e Esteves (2011, 154) definem identidade como sendo “a capacidade do sujeito, em meio à mudança contante que significa as fases diversas de sua vida, permanecer o mesmo, mantendo o cerne

de sua personalidade”, o sujeito está ativo num sistema social aberto sob influência de uma dinâmica de troca de informação, contudo, o cerne da sua personalidade mantém-se coerente.

Magalhães (2012: 2003) refere que “a naturalidade inscrita nesse registo que se pretende identitário remete, por sua vez para o conceito de raiz cultural. Como se o indivíduo fosse detentor de uma identidade única e exclusiva.” De forma crítica, o autor apresenta a forma como o modernismo fabricou identidades objetivas, estáticas e imutáveis que “prendiam” um indivíduo à terra, como se ele fosse incapaz de mudar.

Segundo Pereira (2002) pode-se ter uma concepção essencialista da identidade que parte da existência básica do indivíduo, tal como o local onde nasceu, a religião a que pertence, nação e grupo étnico, sendo esta uma conciliação estética. Na mesma linha da definição anterior trata-se de uma concepção estática e imutável de identidade.

Por sua vez Velho (1994: 29) defende que “os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsitos entre domínios e experiências mais diferentes, mantêm (...) uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos básicos.”

Na atualidade, tanto a antropologia como a sociologia afirmam que a identidade não é fixa e não se pode cristalizar, ela está inserida num processo dinâmico que se *alimenta* do sistema aberto de trocas onde os sujeitos estão inseridos ativamente (Veronese & Esteves, 2011; Pereira, 2002; Vieira, 2000; Vieira, 2009).

Giddens menciona a identidade como:

A criação de constância ao longo do tempo, esse trazer do passado, colocando-o em conjugação com um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal e a sua conexão com identidades sociais mais vastas, é um requisito primordial da segurança ontológica (...). As ameaças à tradição são muito comuns, se não mesmo universais e, são experimentadas como uma ameaça à integridade do *self* (Giddens, 2000: 77).

Veronese e Esteves (2011: 155) sublimam que “a tradição da sociologia, (...) descreve um caminho para a construção da identidade calcado na ideia de socialização e de interação, atribuído ao contexto e aos demais, a responsabilidade pela construção da identidade de alguém”. Nesta perspetiva, nos sistemas abertos estão incluídas todas as atividades do processo de socialização dos sujeitos, onde se insere o trabalho.

[O sujeito é] alguém que vive a experiência diária, pensa, ensaia e erra, e que ao trabalhar constitui a “costura” de si ao mundo em que vive, sua própria fixidez em uma vida cotidiana, inscrevendo-se e reconhecendo-se na história da comunidade ao qual pertence e participa, ou seja, identificando-se ali. (Veronese e Esteves, 2011: 157)

A identidade tem como raízes e suporte de representação, o património cultural que âncora os saberes: fazer, estar e ser. Mas o património cultural não pode contar verdades absolutas. Ele deve ser tão *plástico* como são as identidades grupais da contemporaneidade.

Em muitas sociedades os recursos endógenos das comunidades, ligados às suas atividades diárias, metamorfoseiam-se em património cultural permitindo assim afirmar que o mesmo se torne num referencial identitário. Barth defende que as diversidades culturais entre as comunidades e a sua manutenção dependem da socialização entre elas e da sua distinção relativamente ao exterior.

Absence of social interaction and acceptance, but are quite to the contrary often the very foundations on which embracing social systems are built. Interaction in such a social system does not lead to its liquidation though change and acculturation; cultural differences can persist despite inter-ethnic contact and interdependence. (...) Ethnic groups are not merely or necessarily based on the occupation of exclusive territories (Barth, 1969: 10; 15).

VALOR DE USO E VALOR SIMBÓLICO DOS OBJETOS

O conceito de valor de uso dos objetos remete para a sua utilidade, isto é, para o seu papel de satisfazerem uma ou mais necessidades. Neste sentido, pensar nos objetos patrimonializados é pensar no seu valor simbólico ou no uso simbólico do mesmo. Esses objetos

[E]stão fora do circuito ou fluxo da circulação de bens, em geral já muito restrita e reservada ao uso e fruição de apenas alguns, quer pela sua finalidade e razões de uso, quer pelo seu valor intrínseco, simbólico ou venal (...). Com eles se cataliza atenção, memórias, eventualmente projectos, e participam da construção de universo mental de referência para aquela sociedade (Brito, 2006: 45).

Peralta (2006: 75) menciona que “os objectos que são hoje considerados património passam a incluir todos aqueles aspectos, materiais ou imateriais, que se relacionem com uma noção difusa de passado, estando associados uma panóplia de representações identitárias”. As comunidades podem identificar-se com objetos simbólicos produzidos por si e relacionadas por exemplo com atividades laborais, espaços ocupados, vestuário, gastronomia, música, folclore, memórias transmitidas por tradição oral as suas próprias memórias, entre outras.

A seleção dos objetos a patrimonializar passa pela capacidade que lhes é atribuída de despoletar sentimentos de pertença ao grupo e de representação de uma identidade manufaturada. A escolha dos objetos é condicionada aos detentores do poder, local, económico, social e cultural que com eles se relacione. Por outro lado, quem dinamiza a identificação desses objetos deve ouvir o povo para que a ação de seleção e atribuição de significados adquira sentido (Bourdieu, 1989; Fernandes, 2008; Magalhães, 2005; Mendes, 1999).

Ballart afirma:

Hay, pues, necesidades nuevas y en concreto hay tendencias del comportamiento humano nuevas que recuperan cosas y objetos antiguos e les otorgan un valor nuevo. Hoy día se habla de una moda del consumo de patrimonio histórico que de hecho tiene importantes repercusiones sobre consercación del legado del pasado y particularmente consecuencias económicas de amplio alcance social (...) la que proporciona el conocimiento (Ballart, 2002: 68).

As comunidades ao atribuírem valor simbólico aos objetos transformam-nos em património cultural. Os objetos quando patrimonializados, tornam-se embaixadores e âncoras da identidade local e da comunidade a que pertencem. Por outro lado, podem ser testemunhos de uma época diferente do espaço vivenciado, tornando-se símbolos na representação da comunidade.

PATRIMÓNIO CULTURAL

O património cultural não tem a plasticidade de levar à vivência *pura* do passado. O património ativa uma produção subjetiva do passado, produzido no presente, através de objetos considerados representativos desse mesmo passado e produzidos numa determinada cultura, sendo selecionado de acordo com os critérios impostos, frequentemente pelas

lideranças comunitárias (Bourdieu, 1989), como vimos anteriormente. Sendo assim a seleção é uma construção social em que os atores sociais da comunidade devem estar envolvidos lembrando-se e ouvindo-se as suas memórias. Fernandes (2008: 26) recorda que “devem ser considerados critérios como a sua importância científica, estética, simbólica, económica e patrimonial, que tenham acima de tudo em conta os interesses da sociedade, sobretudo da comunidade local.”

Peralta menciona que o património

É algo que, para existir, tem de ser activado, ou seja, seleccionado, exposto, difundido, interpretado e, fundamentado, consensualizado (...), neste sentido, o passado que o património reabilita não é um tempo inerte, mas antes um corpo vivo, que estabelece umnexo entre o passado, o presente e o futuro. E, neste processo, fabrica uma identidade (Peralta, 2008: 75-76).

A Lei n.º 107/2001 no seu artigo 2.º no que diz respeito ao conceito do Património Cultural sublinha que o património cultural engloba...

(...) todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização (...). Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesa (...) [e ainda] os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

As novas posições e leituras museológicas recomendam a participação de autarquias e residentes na seleção e construção de museus comunitários, expressas nas Leis: n.º 11/87 (Art.º4º e 20º), de 7 de Abril, e n.º107/2001 (Art.º3º.8).

PROMOÇÃO TURÍSTICA

Após a II Guerra Mundial, a nível global, e em Portugal depois do 25 de Abril, a liberdade de circulação de bens, pessoas e ideias isto é, a intensificação da globalização,

passou a ser, de acordo com Giddens (2000), uma ameaça a tradição. Para o autor, o que resta dos saberes do passado são relíquias. E objetos...

(...) que antes eram associados às grandes como às pequenas tradições tendem, na ordem pós-tradicional, a tornar-se relíquias (...). As relíquias não são apenas objectos ou práticas que acabam por perdurar como resíduos de tradições que enfraqueceram ou se perderam; elas são investidas de significado enquanto exemplares de um passado transcendido (Giddens, 2000: 98-99).

As comunidades podem desenvolver atividades locais únicas com base no património cultural, como atração turística, dando assim a conhecer a sua identidade, ao mesmo tempo que garantem mais recursos económicos. Proporciona-se assim o desenvolvimento local e ainda a educação e formação contínua das comunidades, visitante e local (Oosterbeek, 1996). O turismo cultural transforma-se num aliado para o escoamento dos produtos e serviços produzidos pela comunidade. Pereira alerta no entanto que,

O turismo não pode nem deve ser a principal aposta de todas as cidades uma vez que, sendo a oferta muito parecida. (...) Pode não haver grande sucesso. Uma forma de ultrapassar este problema será a criação de rotas [culturais] turísticas que compreendam os vários locais de interesse para se visitar na região (Pereira: 2012, sp).

As rotas turísticas podem assentar em trajetos realizados nas atividades de vida diária, presentes e passadas, transformando assim os destinos em aliados da promoção local. A promoção do património passa a ter um efeito multiplicador no desenvolvimento local, sendo âncora da identidade da comunidade, promovendo ao mesmo tempo a comunidade no exterior. Capta recursos que possibilitam a melhoria da qualidade de vida.

A divulgação do património, ocupação dos tempos livres e de lazer dinamiza postos de trabalho ligados aos saberes fazer locais ou ao turismo, direta ou indiretamente (Fernades, 2008; Mendes, 1999).

O desenvolvimento de atividades para salvaguarda do património cultural carece de infraestruturas e equipamentos de apoio de caris local, que ancore um planeamento estratégico de desenvolvimento local em rede com a comunidade e com todas as infraestruturas e serviços já existentes na mesma tais como hotéis, restaurantes, meios de transporte, venda de produtos, atividades radicais e ao ar livre, entre outras.

DESENVOLVIMENTO LOCAL

O conceito de desenvolvimento local emerge após a crise da noção de desenvolvimento na segunda metade século XX (Amaro, 2004 e 2009).

Nos anos 80 do século passado surgiram reações académicas e novas teorias sobre desenvolvimento local. Após várias contribuições, emerge a primeira definição de desenvolvimento local:

O processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo a comunidade o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas. (Amaro, 2009: 108)

Perante os acentuados desequilíbrios regionais, surgiu a teoria territorialista do desenvolvimento local que “defendia um plano de desenvolvimento a partir da mobilidade dos recursos locais endógenos” (Fernandes, 2008: 12).



*FOTOGRAFIA 11 - AVIEIRAS A FAZER REDES PARA A APANHA DA ENGIA NO RIO LIS, NASSAS CONHECIDAS NA GIRIA POR NARÇAS, E A VENDER CAMARINHAS, ANO 1955.
FOTOGRAFIA DE DORA LANDAU*

O desenvolvimento local foi impulsionado por uma visão consciente da comunidade sobre o meio envolvente, relacionando o ambiente e o património com valores de bem-estar. O conceito de *local* ganha uma visibilidade que não é sinónimo de tamanho mas do social a si associado.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento local introduz o conceito de comunidade, que segundo Gómez, Freitas e Callejas:

É um espaço de vida social onde se configuram de forma constante múltiplas e complexas relações e interacções sociais entre indivíduos e colectivos que vivem e convivem com laços de solidariedade e intercâmbio de significado específicos e do seu território, da sua língua e cultura e das suas vivências individuais e comuns (Gómez, Freitas e Callejas, 2007: 135).

O conceito de *local* conquista não só o espaço geográfico mas também a comunidade, as suas habilidades e competências depositadas nas ações desempenhadas (Franco, 1998). De acordo com esta definição, a participação dos cidadãos nos processos de intervenção e animação do território é fundamental. Por outro lado, a administração pública, a população e os recursos comunitários devem ajustar os seus papéis dentro da comunidade para que seja possível um processo de mudança que equacione o bem-estar e a qualidade de vida da comunidade.

Amaro (1991) refere que o desenvolvimento local não deve assentar numa visão economicista, deve sim promover a diversificação de atividades, muitas vezes mal tratadas, e, quando requalificadas, podem ser solução, para certo problemas. Entre elas destacam-se atividades sociais, ambientais, agrícolas, artesanais, culturais e o património.

Sendo assim, o desenvolvimento local tem em conta os recursos endógenos em cada território, o que implica possuir um plano de desenvolvimento adequado a cada grupo de pessoas que respeite a diversidade local.

CAPÍTULO III

PATROMONIALIZAÇÃO DA ARTE XÁVEGA

No primeiro capítulo observámos a indissociabilidade entre a história da Praia da Vieira de Leiria e a Arte Xávega. Esta viagem ao passado e ao presente da comunidade tem permitido constatar o contributo significativo que Arte Xávega tem deado para o desenvolvimento local assim como para a construção identitária da mesma. No segundo capítulo exploraram-se os fundamentos teóricos, por forma a entender a relação entre o valor utilitário/simbólico dos objetos e as questões da identidade. Pretendemos olhar a comunidade da Praia da Vieira de um prisma holístico para assim perceber a metamorfose da Arte Xávega em património cultural, e a sua relação com a construção da identidade da comunidade.

Procuramos encontrar formas e condições de preservar e divulgar a Arte Xávega, transformando uma atividade económica, com todos os objetos a ela associada, em algo simbólico, isto é, em património cultural. No seguimento deste trabalho pretendemos identificar um roteiro cultural cuja matriz seja o património cultural associado à Arte Xávega da comunidade piscatória da Praia da Vieira de Leiria. É nossa intenção, também, criar condições para a edificação no terreno de um centro de interpretação, que possibilite aos cidadãos conhecer a riqueza deste património cultural e sua relação com a identidade da comunidade.

ARTE XÁVEGA: LAÇOS DE PERTENÇA

A comunidade reconhece na Arte Xávega um símbolo para a construção dos laços de pertença. Para confirmar esta afirmação, questionámos todos os informantes, acerca do contributo da Arte Xávega para a construção da identidade comunitária da Praia da Vieira de Leiria.

O presidente da junta de freguesia da Vieira de Leiria respondeu:

Durante muito tempo a Arte Xávega era o sustento principal das pessoas da Praia da Vieira, como sabe o Alves Redol retratou muito bem isso no seu livro Os Avieiros, era uma pobreza extrema que existia! E, no inverno estas pessoas que subsistiam apenas pela pesca da Arte Xávega viram-se obrigados a emigrar para o Tejo e mais tarde para o Sado porque

precisamente aqui não havia qualquer meio de subsistência. Havia muita fome, havia uma pobreza muito grande e esta memória não poder ser de forma nenhuma esquecida, antes pelo contrário tem que ser bem avivada porque é uma parte muito importante do nosso património.

No passado, a pobreza caracterizava os habitantes da Praia da Vieira de Leiria, subsistindo de atividades de referência, nomeadamente ligadas à pesca. Nos meses de verão praticava-se a Arte Xávega, no inverno deslocavam-se para o Tejo, originando o movimento migratório dos avieiros.

O movimento migratório para o rio Tejo, associado à sazonalidade da Arte Xávega, também é referenciado como fazendo parte dos laços sociais e identitários da comunidade pois mantém os mecanismos básicos dos saberes fazer, estar e ser ligados às Artes da pesca. O informante da companhia *Senhora da Luz* afirma “nós daqui é que fomos p’ra lá, é verdade! Mas pronto, em tal caso acho que era uma coisa que nunca devia de acabar. As entidades deviam de fazer tudo para a preservarem porque é património!”. A partir desta afirmação, o movimento migratório dos avieiros estabelece a importância entre o passado o presente e as ações futuras, criando assim laços de solidariedade e de identidade grupais.

A zona geográfica onde se situa a comunidade da Praia da Vieira de Leiria também não foi escolhida ao acaso para o estabelecimento da comunidade, pois fica perto da foz de um rio, o que possibilita a pesca na sua embocadura. Assim, a exploração de um recurso endógeno permitiu a fixação da população e o desenvolvimento local. Neste sentido, o espaço impulsionou a vida social, dando estímulo à vida individual e coletiva a partir das artes da pesca. Geraram-se laços de solidariedade e de permuta entre os locais e os seus recursos endógenos, criando-se uma linguagem cultural a partir das suas vivências individuais e coletivas. O informante da companhia *Maroto* refere:

Esta zona aqui foi escolhida exatamente por causa da pesca. Porque era uma zona aqui abrangida aqui pelo rio Lis e os antigos fixaram aqui as casas por isso é que uma boa zona de pesca, como tá provado! (...) Sim isto aqui era tudo casa de pescadores aqui deste lado, aliás a praia aqui há poucos anos era só pescadores.

A Arte Xávega também é responsável pela abertura e contacto dos pescadores com os veraneantes. A comunidade piscatória encontra-se num sistema aberto de trocas, entre um

lado e outro, afirmando assim a sua identidade individual e coletiva, no contacto com o *estrangeiro*. Como vimos no capítulo II, Barth (1969) afirma que a interação social incrementa a consciência da diferenciação e a reivindicação da identidade.

O informante da companhia Viking menciona a interação social num sistema social em que as diferenças culturais persistem:

Porque estamos na pesca ou prontos é um meio deles virem p'ra qui, gostam daquilo que veem, (...) e os petiscos que agente faz aqui com eles (...) é um convívio que a gente tem com as pessoas de outro lado.

Por seu lado, o informante da companhia *Lusitano* e *Princesa do Liz* reforça a importância da Arte Xávega, na abertura da comunidade ao exterior nomeadamente aos turistas, promovendo-se desta forma o desenvolvimento económico local.

Acho que teve muita importância porque o chamado peixe fresco e a venda do peixe (...) cativou muito, chamou muitas pessoas p'ra cá, desenvolveu muito o comércio porque p'ra além de virem ao peixe, as pessoas ficavam, comiam, almoçavam, jantavam, lanchavam, iam aos cafés (...). Acho que se devia fazer alguma coisa p'ra promover mais a Arte Xávega (...) acho que se devia criar mais infraestruturas que apoiasse mais a Xávega e que desenvolvesse mais ali a Praia da Vieira em torno da Xávega.

A identidade coletiva e individual da comunidade da Praia da Vieira de Leiria é o resultado da socialização e da dinâmica do trabalho quotidiano dos pescadores e dos que vivem do trabalho derivado da Arte das pescas. Como afirma o informante da companhia *Eu Só*:

[A praia] funciona muito através da Arte Xávega,... mas é verdade e tu vês bem e toda a gente vê quando os barcos (...) em (...) março, abril, junho tu vás ali ao paredão se não houver um barco na pesca não vês ninguém no paredão, é verdade! Enquanto forem a pesca está toda a gente a ver a rede sair, a ver os barcos no mar, é ou não é? Não sei como é que a praia sobrevivia sem a Arte Xávega? Digo-te já, podia sobreviver o primeiro ano ou o segundo ano mas depois não sei o que é que as pessoas vinham fazer pra Praia da Vieira, o que é que vinha fazer p'ra Praia da

Vieira, olhar p'ró mar? Mar há em todo o lado! E pesca? Não há pesca em todo o lado!

A população da Praia da Vieira de Leiria reconhece a importância que a Arte Xávega tem para a comunidade. O informante da companhia *Deus Te Salve*, tesoureiro do executivo da junta de freguesia de Vieira de Leiria, diz “que mais de 90% da população tá com a Arte Xávega e apoia a Xávega e reconhece que é um fator importante que a praia tem, que a faz diferente das outras Praias mais vizinhas”.

ROTEIRO/ PASSEIO TURÍSTICO NA PRAIA DA VIEIRA DE LEIRIA

Ao longo deste item pretendemos perceber os circuitos dos saberes ligados à Arte Xávega, de forma a promovê-los junto do público. É nossa intenção não só dar a conhecer esta atividade piscatória aos visitantes e aos vieirenses mas contribuir também para o desenvolvimento local. Não queremos impor nem planear roteiros ou passeios turísticos por nós, mas antes escutar os atores sociais sobre a importância dos mesmos e a sua contribuição para a elaboração dos mesmos. Foi, então, solicitado aos entrevistados que dessem a sua opinião sobre a criação de um roteiro/passeio turístico cultural. Foi-lhes também perguntado os locais que pensavam ser mais importantes e porquê.

A Associação para a Promoção da Cultura Avieira já havia pensado na elaboração de uma rota que promovesse a Cultura Avieira no Tejo. Mas esta atividade cultural tem a sua génese na Praia da Vieira de Leiria, sendo importante auscultar a comunidade vieirense, a que habita a Praia, na construção desse roteiro turístico. Entendemos que este deverá ser conetado com a *Rota dos Avieiros* no Tejo, outra *face* importante da vida da comunidade.

O informante da Junta de Freguesia é um impulsionador da Cultura Avieira, lamentando que a Rota Avieira não esteja planeada a partir da Praia da Vieira de Leiria e para que assim o seja defende:

Rota Turística dos Avieiros, Rota dos Avieiros - que teria início, por tanto teria a visita (...) às aldeias avieiras ribeirinhas do Tejo e que chegaria ou terminaria mais ou menos em Santarém. Pensou-se que seria de todo interessante que nessa rota fosse incluída a Praia da Vieira, mas uma vez que essa rota seria maioritariamente por barco (...) a partir de Santarém se

conseguisse fazer uma rota que trouxesse as pessoas a Praia da Vieira [que] é a mãe, a raiz da cultura avieira, portanto fazia todo o sentido que essa rota tivesse também incluída a Praia da Vieira na visita.

O movimento migratório para o Tejo deveu-se, como vimos, à sazonalidade da Arte Xávega na Praia da Vieira de Leiria, e por isso é indissociável da Cultura Avieira. Por tudo isto, importa promover os locais e as vivências ligadas a Arte Xávega da Praia da Vieira de Leiria. Mais uma vez o entrevistado ligado a junta de freguesia afirma:

Os locais na praia seria[m] aqueles onde antigamente (...) existiam as barracas. É certo que elas não estão lá agora, mas a própria configuração das ruas, que são muito estreitinhas, parecem aquase uns carreiros. Daria de alguma forma um centro de interesse para visitar.

A promoção dos locais associados aos saberes, fazer, estar e ser, é impulsionadora da divulgação e do escoamento dos produtos e dos serviços produzidos localmente. O informante da companhia *Viking* afirma que o que deve identificar a Arte Xávega é “TUDO! Trator, redes, prontos, cada barco”.

Por seu lado, o informante da companhia do *Lusitano* alerta para o passado e para a venda tradicional do pescado, que atrai muitos curiosos e compradores. A interseção entre o passado e o presente seria peça fundamental para a criação de uma rota cultural. Como o entrevistado afirma, “penso arranjam melhores condições pá venda, penso em divulgar o passado dos pescadores da Praia da Vieira, em criarem coisas que divulguem como é que se viveu na Praia da Vieira”.

O informante da companhia *Maroto* alerta para a importância de dar a conhecer o que é a Arte Xávega. Como o mesmo assinala “dar conhecimento às pessoas do que realmente é a Arte Xávega”. Um dos locais que o mesmo aponta como elemento importante é o “posto de Turismo onde as pessoas procuram mais informações”.

O informante da companhia *Deus Te Salve* salienta que também é fundamental nos dias de hoje a divulgação da Arte Xávega:

É importante a nível turístico e é importante a nível de divulgação da própria pesca, que neste momento precisa de ser divulgada e apoiada, e (...) em relação ao roteiro acho que todos os percursos existentes na Praia da Vieira

que se identifiquem com a Arte Xávega (...) devem fazer parte, (...) que é o caso da lota, de toda se não quase toda a marginal (...) porque é o sítio que os pescadores percorrem quase todo o dia. Percorrerem p'ra irem ver se o mar tá bom p'ra ir ao mar, (...) às vezes horas ali até ver quando é que há condições p'ra ir ao mar, às vezes de manhã não serve mas às vezes passadas duas ou três horas com a transformação da maré essas condições alteram-se (...). A marginal é um dos lugares, e pronto os sítios que se tá a remendar as redes também, o concerto das redes (...) Sim, mais p'ra sul da lota para o lado das dunas normalmente se põem as redes que é p'ra concerto.

O informante da companhia *Senhora da Luz* quando se refere ao roteiro turístico atribui-lhe dois objetivos, um consiste em dar a conhecer a Arte Xávega, o outro em explicar e elucidar as dinâmicas associadas ao processo em si:

Realmente as pessoas só veem a rede a sair, mas tudo tem um sentido tudo tem o preparar, o ir, o largar a rede o trazê-la p'ra terra, o que sinaliza aquelas bóias, tudo tem um princípio. Vamo lá ver, a gente dar, meter, os alicerces e nã saber como é que a casa acaba é um bocado mau, é um bocado mau! Portanto (...) a Arte Xávega tem que ser compreendida! (...) isto mete muita gente, muita gente, ver uma rede sair mas ninguém percebe. Eu às vezes tou no paredão e vejo, “olha mas como é que agora ela sai?”, “aquela boia é para quê?” (...) era muito importante que houvesse um museu e alguém a explicar realmente para as pessoas que tivessem interessadas em conhecer o que é que é a Arte Xávega. [O mesmo referencia ainda como fazendo parte da arte xávega o trajeto dos pescadores enquanto a rede sai] isto voltou aos tempos antigos em que um pescador ia ao mar ós depois a rede como tava duas horas p'ra sair vinham cá pra cima, p'ras tabernas agora como nã há tabernas, ficavam mesmo pertinho, pé do mar. Agora a biblioteca fica um bocado retirado, eles querem beber uma cerveja ou comer uma sandes é natural que fiquem aqui pelo café do César, muitas vezes vão ali aquela pastelaria que é o (...) [café Raquel e a pastelaria] Casinha do Mar, quer dizer são os locais mais próximo do mar que eles procuram (...). [Um outro local a ser visitado são as] ruas antigas aqui por de traz dos pavilhões do barco junto ao campo

de futebol, essas ruas estreitas é, pronto, embora não ofereçam grandes condições em caso do mal mas, são casas bonitas e são ruas dignas de se ver.

O CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA ARTE XÁVEGA: SUA CRIAÇÃO NUMA CASA PALAFÍTICA

“Na Praia da Vieira, o José Carçaça, pouco depois do 25 de Abril, vai buscar as cordas ao barco e ajuda a deitar abaixo os últimos palheiros, tidos como símbolo de miséria” (Lope& Lopes, 1995: 92-93).

Em conversa informal, o informante da companhia do *Maroto* recordou as casas do tempo em que tinha os seus 12 ou 13 anos de idade.

Isto aqui eram só casas de madeira da menina Julinha, era como se fosse uma regente, ela dava conselhos, tinha conhecimento e até dava injeções. As casas eram dela, alugavas no verão! O areal continuava por aí abaixo mas não era bom para o desenvolvimento da praia foi a melhor coisa que fizemos!”. [Lamenta não terem deixado uma ou duas casas] (em, Diário de Campo).

Ao perguntar aos informantes o que pensavam da criação de um centro de interpretação da Arte Xávega tendo por edificação uma casa palafítica, a unanimidade das respostas foi positiva, dando legitimidade à sua criação.

No filme, *Gentes da Praia da Vieira*, de Álvaro de Campos (1975), é documentado o dia em que as casas palafíticas foram destruídas pelos pescadores e as razões dessa atitude. É relatado não ser permitida a construção de novas casas em madeira, e a reconstrução das mesmas só podia ser feita com madeira velha. A câmara municipal da Marinha Grande incentivava a saída dos pescadores das suas casas, que lhes tinham sido atribuídas pelo Estado. Esta situação durou até junho de 1975. Após o 25 de Abril, os pescadores com liberdade derrubaram as casas palafíticas, símbolo de miséria e de repressão anterior.

Eram também testemunho de um passado de conquistas por parte dos homens e das mulheres da comunidade da Praia da Vieira, dos seus saberes, do seu património e da sua história. No filme é documentado um projeto anterior à demolição, em que se pretendia recuperar as casas palafíticas e transformá-las em atelieres artísticos. Atualmente é intenção a construção de um desses exemplares. O informante da junta de freguesia mostrou-se renitente

no início do nosso contacto, relativamente a este assunto. Sete meses depois refere, no entanto, que se trata de:

Um projeto que já foi debatido com os Arquitectos Sem Fronteiras mas deparámo-nos com vários problemas. Primeiro, o financeiro, depois a necessidade que temos de utilizar um espaço que terá de ser obrigatoriamente na orla marítima, e, portanto, que faça parte, e uma vez que está incluído no domínio marítimo uma vez que se possa enquadrar com uma autorização especial, um Centro de Interpretação desse tipo. Deixe-me dizer que com estes avanços que tem havido no desenvolvimento da Arte Xávega, e, sobretudo na sua legislação, que tá a decorrer também um projeto para que se faça uma lota com outras condições do que as que temos atualmente e incluído nesse projeto a requalificação dos barracões, que existem de apoio a Arte Xávega. E, esses sim, poderiam ser uma atração turística, quiçá até um desses barracões ser o Centro de Interpretação. Não era aquilo o ideal que nós pretendíamos, porque queríamos que o Centro de Interpretação fosse tanto fiel quanto possível as barracas que existiam antigamente, nomeadamente da palafítica.

O problema financeiro parecia colmatado com o financiamento a 100% através do Programa Ocupacional das Pescas 2007-2013 (PROMAR), no seu eixo de ação 4.3 Promoção e valorização da qualificação do ambiente costeiro e das comunidades. A extinção, deste programa, aparece resolvida uma vez que o mesmo assunto insere-se na Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020. Esta tem como visão o *Crescimento Azul*, orientada pela Comissão Europeia, e os seus cinco domínios estratégicos de intervenção são o turismo marítimo, costeiro e de cruzeiros. Outros desafios do novo modelo de desenvolvimento passam pela cultura e comunicação, a educação, a ciência e a tecnologia, entre outros.

Esta ideia vai ao encontro da 67^a seção da Assembleia Geral da ONU, que a 12 de junho de 2013, originou a ideia de *cultura como um pilar central do desenvolvimento* para a agenda global a seguir para 201.

Sendo assim, foi perguntado aos informantes onde deveria ficar o Centro de Interpretação da Arte Xávega e as suas motivações. E, que objetos ou momentos gostariam de ver representados.

O local onde deveria ficar o Centro de Interpretação da Arte Xávega não gera unanimidade. Neste sentido o informante da junta de freguesia dá o seu testemunho:

O ideal para mim seria na praia mesmo, no areal mesmo, perto dos passadiços. Por exemplo, um sítio mais resguardado onde as marés não pudessem atingir o edifício mas mais a norte, perto do rio Lis. Aí colocar-se-ia um problema, que estaria mais deslocado da Arte Xávega uma vez que a Arte Xávega se opera muito mais, (...) a SUL! Daí que não era descabida a ideia dos barracões terem lá qualquer coisa desse tipo (...). [Os objetos que gostaria de ver representados] eram [os] usados antigamente, não estão ainda em desuso porque parte deles ainda são usados mas uma vez que serviam para subsistência do povo da Praia da Vieira que sim senhor devem tar retratados. Bem como os hábitos, o vestir, (...) o idioma e as palavras que se utilizavam correntemente naquela altura, tudo isso penso que deveria ficar retratado nesse Centro de Interpretação. Quando tamos a falar do vestuário, da linguagem, dos usos e costumes (...) saberes fazeres, exatamente, inclusivamente as mezinhas que utilizavam todas essas coisas que seriam muito interessantes.

Por seu lado, o informante da companhia Viking relata:

Ali, praticamente onde fica a lota agora, (...), em princípio vão lá desistir com ela, aí ficava bem o museu. Ou aí, ou em frente ao monumento do pescador, (...) para mim eram os sítios ideais! [Os objetos que deveria estar representados eram] fotografias dos nossos pescadores da praia. Há muita fotografia dos velhos pescadores da Praia! Prontos a praia antiga, (...) isso dá aqui muita riqueza, aqui à Praia da Vieira!

O informante das companhias Lusitano e Princesa do Liz refere:

Isso eu acho que ele devia ficar acessível a toda a gente e mais ao centro da Praia possível, não é? Porque para tar a pôr do lado da Xávega não sei até que ponto. Porque fica deslocado para um lado, não é? Não dá acesso a tanta

gente (...) por causa dos estacionamento e coisas assim, penso que se ficasse ali ao centro da praia que dava mais impacto! Tinha mais vista (...).

[O que gostaria de ver representado eram] os trajes, hoje já não se vêem mas os nossos antepassados tinham o traje típico.

O informante da companhia do *Maroto* refere a importância da tradição oral como símbolo identitário e de património cultural:

Acho essa ideia espetacular porque em si valia a pena (...) há muitas histórias p'ra contar. Há pessoas aí, infelizmente muitas já morreram, quem conhece histórias da praia e da pesca (...). Tá bem, (...) um museu dedicado à pesca [e] à Arte Xávega. Àquilo que foi, àquilo que é, acho que ficava muito bonito! [Onde deveria de ficar?] Ó pá nã sei, (...) Talvez aqui junto aos barracões nã? Um destes barracões aproveitado p'ra fazer uma coisa dessas. Um barracão que esteja p'rai desocupado ... [os objetos que gostaria de ver representados?] As redes, os bois de antigamente, (...) essas fotografias mais antigas, pessoas (...) que marcaram aqui a Xávega [e] a vida aqui na praia. Porque a praia antigamente não tinha assim ninguém que se salientasse, ninguém estudado, era só pescadores, uns sabiam mais que outros, uns andavam na pesca por andarem só queriam receber o dinheirito no fim da safra. Mas havia sempre aqueles que se sobressaíam mais por serem mais arrojados ou mais espertos, mais inteligentes, não é? E, essas pessoas que de certa forma não deixaram morrer a Xávega na praia, essas pessoas é que deviam ser lembradas!

O informante da companhia *Deus Te Salve* testemunha os objetos que gostaria de ver representados:

Mostra-se também a própria habitação que era dos pescadores e eu acho que todos os objetos que fizeram parte da vida dos pescadores da Xávega e da Praia da Vieira(...).Penso que ainda haja muitos [em] estado de poderem serem lá mostrados. Os objetos a nível do traje, dos utensílios que eram utilizados nas próprias casas, desde os utensílios de cozinha (...) tudo o que eles usavam (...). Durante o trabalho (...) usavam (...) aquelas boias que (...)

usavam antigamente, o tipo de cordas, as redes que eram diferentes de agora, (...) tudo isso, todas essas coisas (...) se devem mostrar nesse tipo de museu, não é? São coisas que hoje já não se usam e que deviam ser expostas nesse [centro de interpretação]. Vamos reportar a uns anos atrás, há uns anos valentes atrás, acho que pronto se pudermos fugir às coisas mais mecânicas e atualizadas, atuais, que se fazem ou que se utilizam hoje na pesca se pudermos fugir a isso tanto melhor.

O informante da companhia *Senhora da Luz* justifica a importância do Centro de Interpretação como dispositivo de memória das suas vivências:

É pá! Penso que muita coisa. De facto deveria existir o tal museu da Arte Xávega, para as pessoas terem uma ideia do que é a Arte Xávega. Pronto é (...) que realmente as pessoas só veem a rede a sair, mas tudo tem um sentido, tudo tem o preparar, o ir, o largar a rede, o trazê-la p'ra terra, o que sinaliza aquelas boias, tudo tem um princípio (...).

[O local onde devia de ficar?] Vamo lá ver, o local próprio p'ra isso, e acho que isso já levou um estudo e acho que realmente era aí que eles pensavam meter o museu do pescador assim como era o museu da floresta, era junto aos barracões. Quando eles pensaram fazer p'ra ali uma (...) é ali que estão os barcos, é ali que estão as redes, se alguém quisesse ver como é que se estende uma rede, como é que as pessoas estão ali a lidar o seu dia-a-dia, porque agora já requer muito trabalho. Não é como eu, que o barco é pequeno e as redes são pequenas, chego ao fim da época agarro nas redes e agarro no barco e meto dentro do barracão e só mexo p'ró ano quando for pescar novamente. Eles, [as outras companhas], não, porque são redes muito grandes tem trabalho anual praticamente (...). As pessoas também sentiam ali um bocado a acompanhar o que é Arte Xávega porque veem o remendão a remendar, veem a pôr uma boia um chumbo, veem a cozinhar, veem ali um pouco de tudo porque é ali que eles [os pescadores] passam (...) o tempo (...)
[O que gostaria de ver representado?] é pá, tudo o que era do antigo, (...)! Antigamente como é que se levavam as cordas, as boias, TUDO! Até inclusivamente a tarrafa que foi proibida. Eu gostava de ver tanta coisa ali que nos tiraram que era tão bonito, (...) ver novamente!

Informante da companhia *Eu Só* também dá o seu testemunho:

É pá, onde é que ele devia de ficar? Como é que eu te posso explicar? Ao pé da lota ficava bem [por] que as pessoas vão a lota, não é? Vão à lota e o museu ao me'mo tempo iam visitar, mas se a lota hoje está ali e amanhã tiram-na dali, normalmente devia ser localizado o museu. Temos a falar, nem no centro devia de ser, devia de ser ao lado onde vendem o peixe, entendes? Onde se faz, onde se comercializa o peixe, onde veem o peixe é que devia estar o museu, não achas? Eu acho que sim! É pá, objetos? Barco, barco sem motor, por exemplo, (...) redes (...) e cordas! Não sei o que há mais? Os trajes usam sempre até nos ranchos e tudo, umas calças como eles usavam antigamente com umas ligas amarelas em baixo, umas camisas à pescador penduradas (...), acho muito bem! Por exemplo, as roupas das mulheres, tás a ver? Os quicos¹¹ pretos, as saias delas (...) que elas usavam, acho bonito uma repartiçõzinha de mulheres, da roupa das mulheres e outra dos homens (...) Um barco que não fosse muito grande, tas a ver? Um barco só p'ra representar aquele museuzinho, só se fosse um museu grande, tudo pequeno! Uma coisa pequenina onde coubesse um barco aí de uns quatro metros, (...) bem pintadinho, bem arranjadinho e uma redezinhas porque há redes pequenas. Ainda aí p'ra mostrar, descusava-se de se pôr lá redes grandes, ainda há redes pequenas! Pelo menos a Junta fizeram numa altura uma festa ao pé do mercado (...). E, tava lá uma rede pequenina (...) isso que tava lá, que eu vi lá, que eu fui lá ver, podia estar presente nesse museuzinho, estás a ver como as casotas antigas? Uma coisa pequenina e meter lá um barco dentro e as redes e o vestuário das mulheres e dos homens, tem de ser!... é uma coisa bonita, ... acho bem até! Achava muita bem!

O local de edificação do centro de interpretação gera interesse, discussão e participação da comunidade. Os entrevistados mostram ter consciência do contributo do meio envolvente, dos recursos endógenos e dos bens patrimoniais para o seu desenvolvimento e bem-estar. Esta dinâmica conduz à construção de um espaço de vida social e cultural onde

¹¹ Raul Brandão na sua obra *Os Pescadores* refere-se as mulheres dos pescadores como sendo “trabalhadeiras, sempre de chapelinho redondo e xaile. Levantam-se de chapéu, trabalham de chapéu, deitam-se de chapéu e cuida que dormem com ele na cabeça (...) sempre vestidas de escuro e o lindo chapelinho sobre o lenço” (Brandão, 1924: 75- 80).

existem múltiplas interações sociais entre indivíduos e coletivos de diferentes comunidades e, assim, desenvolvem laços de solidariedade e significados dos territórios que os mesmos ocupam. Podem assim desenvolver e cuidar de atividades que sejam úteis para o desenvolvimento local e se encontrem assentes nos saberes locais e nos recursos endógenos. Esta consciência deixa presente a importância da construção do centro de interpretação da Arte Xávega para a preservação do património cultural.

CONCLUSÃO

As vivências no verão do ano de 2012 levaram-me à elaboração do presente projeto. Tive como (pre)ocupação perceber a metamorfose da Arte Xávega em património cultural, a sua relação com o desenvolvimento local e com a construção da identidade da comunidade da Praia da Vieira de Leiria.

Subjacente a este objetivo, pretendemos identificar condições de preservação do património cultural associado à Arte Xávega e identificar um roteiro cultural cuja matriz seja essa arte piscatória. A criação de condições para a edificação no terreno de um centro de interpretação que possibilite conhecer a riqueza do património cultural e sua relação com a identidade da comunidade foi outra das nossas intenções.

Antes de fazer as últimas considerações, gostaria, no entanto, de realizar alguns apontamentos sobre a observação efetuada.

Na Praia da Vieira de Leiria, o património coletivo encontra-se ameaçado pelas políticas centrais tomadas. Estas não têm em conta o terreno e o trabalho árduo dos homens que mantêm viva a Arte Xávega. Uma legislação omissa e a natural degradação imposta pela natureza comprometem a sua sobrevivência.



FOTOGRAFIA 12 AREAL DA PRAIA DA VIEIRA

Fotografia da Autora

Na fotografia 12 é perceptível a diminuição significativa da largura do areal colocando em perigo a comunidade residente junto ao paredão, os apoios de praia e o local da Arte Xávega na época balnear.

Segundo João Gaspar (2013: sp) “as praias podem mesmo desaparecer”, 52% da costa na zona centro está em risco por causa da falta de areia e da subida do nível do mar. Esta situação pode ser revertida através das descargas das barragens que comportem a areia que está depositada no seu fundo e através da construção de esporões ao longo da costa. No caso da Praia da Vieira de Leiria, a câmara municipal da Marinha Grande tem tardado a tomar medidas como a construção do esporão a sul do local onde se pratica a Arte Xávega.

A Arte Xávega desempenha um papel de relevância no desenvolvimento local e assenta nos processos identitários onde é praticada. O processo originário da Arte Xávega consiste na captura de pescado com redes de cerco e arrasto para terra. Mas outras funções se perspetivam, nomeadamente ligadas ao turismo. Os objetos de uso quotidiano ligados à Arte Xávega podem ser metamorfoseados em património cultural transformando-se em agentes do desenvolvimento local e em referenciais de identidade.

A Arte Xávega ganharia um estatuto de referência da comunidade. Enquanto património cultural, esta arte poderá ser símbolo de marca da Praia da Vieira de Leiria proporcionando festividades, instituições, rotas turísticas, comércio local, artesanato, entre outras.

A visibilidade das atividades em volta da Arte Xávega é um processo que transmite dinamismo e vitalidade à paisagem. Tela viva que com ela se deslumbra, esta é uma verdadeira atração turística.

A par das ações de defesa e promoção da Arte Xávega, há que reforçar a sua simbologia como uma das principais imagens/património das comunidades piscatórias. Para isso, a Arte Xávega apresenta fatores de simbologia para a comunidade, tais como:

- Visibilidade quantitativa no território;
- Forma singular de pesca;
- Dinamismo na paisagem e a participação da comunidade;
- Capacidade de adaptação e mudança aos novos tempos;
- Papel no desenvolvimento local da comunidade.

Esses fatores demonstram a importância que a Arte Xávega tem tido para a comunidade piscatória, quer do ponto de vista utilitário, quero do simbólico. A Arte Xávega, como imagem imediata de identificação local é interiorizada por todos os cidadãos residentes ou visitantes desta comunidade. É um fator importante enquanto valor socioeconómico. Promove a deslocação de turistas e curiosos que, consumindo localmente, dinamizam o comércio.

Cafés, restaurantes, hotéis, pensões, o comércio de peixe, entre outros enchem-se de visitantes quer no verão como no inverno. Todo este valor de uso da Arte Xávega demonstra a sua importância enquanto fator simbólico na representação do grupo bem como a necessidade de projetos para a preservar e promover.

Mais que uma âncora, a Arte Xávega é um símbolo identitário, de desenvolvimento e de progresso da comunidade. Em termos históricos tem sido um fator de dinamismo, responsável pela conquista de padrões de vida mais estáveis e sustentáveis.

Se a Arte Xávega é uma imagem valorativa da comunidade, muito há a fazer para a sua valorização nos contextos regional e nacional para que a produção de valor cultural, social e económico contribua para um desenvolvimento local sustentável.

Nesta perspetiva, o presente projeto pretende ser uma iniciativa de defesa da Arte Xávega, tendo como interveniente a comunidade. Para dar resposta às minhas interrogações, parti para este estudo com o objetivo de aceder às memórias coletivas, identitárias e culturais dos seis informantes pescadores e proprietários das companhias da Arte Xávega da Praia da Vieira de Leiria e de um observador privilegiado, o presidente da junta de freguesia de Vieira de Leiria.

Quanto à abordagem metodológica, retiro algumas conclusões enriquecedoras, tais como a adequação da metodologia ao objeto de estudo. Por outro lado, as respostas, em registo oral, são testemunhos impregnados de subjetividade, retratam olhares diferentes com um princípio comum, evidenciando uma panóplia de possibilidades de análise. Esta riqueza de perspetivas evidencia a importância da Arte Xávega e em consequência dos projetos em sua defesa.

Penso ter concretizado a interação entre passado e presente, contribuindo para deixar os testemunhos para as gerações futuras. A intenção entre quem investiga e o que é investigado imbrica-se num momento de oportunidade e de (re)construção para deixar o passado no aqui e agora, que serão as memórias futuras.

Resumindo, apresento as conclusões construídas a partir da análise das respostas dos informantes.

- Construção de laços de pertença e de identidade.

A Arte Xávega é muito importante não só para quem a pratica como para toda a comunidade vieirense, estando imbrincada com a história da Praia da Vieira de Leiria. É um instrumento importante na definição identitária quer dos pescadores quer dos habitantes locais.

As respostas dos informantes testemunham histórias de vida e saberes que conduzem a uma identificação comum. Nesta perspetiva a Arte Xávega e os seus saberes são catalisadores e otimizadores da construção de laços de pertença entre os habitantes locais e relativamente aos visitantes.

Os fatores identificados pelos informantes para a construção dos laços sociais e identitários são a Arte Xávega, o movimento migratório para o rio Tejo e Sado, a atração turística proporcionada pela Arte Xávega, os saberes a ela associados, o território ligado à Arte Xávega e o desenvolvimento local a partir do setor económico gerado por esta arte de pesca.

- Um roteiro / passeio turístico na Praia a Vieira

A suposição de que a Arte Xávega tem importância para a identidade e construção dos laços sociais permite assinalar os locais onde se proporciona o *fabrico* dessa pertença comum e assegurar a sua promoção futura.

Nesta perspetiva, a partir das entrevistas aos informantes, identificaram-se como locais estratégicos as aldeias ribeirinhas do Tejo; os locais gastronómicos frequentados pelos pescadores tais como a *Cervejaria César*, a *Pastelaria Casinha do Mar* e o *Café Raquel*; os locais da faina; as companhas; o paredão; as ruas do bairro dos pescadores e ainda um local onde centralizar toda a informação como por exemplo o posto de turismo.

- Criação de um centro de interpretação da Arte Xávega tendo como edificação uma casa palafítica

Entendemos a necessidade de um local que ancore o património cultural associado à Arte Xávega. Observou-se a concordância e unanimidade dos informantes relativamente à criação de um Centro de Interpretação da Arte Xávega. Os locais sugeridos foram vários: areal junto à foz do rio Liz; cerca do ponto de venda do peixe; perto do monumento aos pescadores; no centro da praia ou junto e/ou nos barracões que dão apoio às companhas da Arte Xávega.

Os informantes reconheceram o valor do património cultural para a comunidade da Praia da Vieira de Leiria pela sua identificação individual e coletiva com os utensílios/objetos usados na faina da Arte Xávega; o vestuário dos pescadores e das suas mulheres; o dialeto local; retratos e fotografias dos pescadores antigos e da praia antiga; histórias contadas pelos antigos; pessoas que marcaram a Arte Xávega; a casa palafítica ou palheiros dos pescadores; a gastronomia e as ruas antigas do bairro dos pescadores.

Estas considerações levam a afirmar que a Arte Xávega tem dado um contributo significativo para o desenvolvimento local e para a construção da identidade da comunidade da Praia da Vieira de Leiria.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Rogério Roque (1991), *Iniciativas de desenvolvimento local*, sl, ISCTE/IEFP.
- Amaro, Rogério Roque (2004), *Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria*, Cadernos de Estudos Africanos, (4), pp: 35-69.
- Amaro, Rogério Roque (2009), “Desenvolvimento Local”, em, Hespanha, Pedro, *et al* (org.) (2009), *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra, Almedina, pp: 108-113.
- Ballart, Josep (2002), *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*, Barcelona, Ariel Patrimonio.
- Bardin, Lourence (2009), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, Lda.
- Barth, Frederick (ed) (1969), “Introduction”, em *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of culture Diffrence*, London: George Allen & Uniwin, pp: 9-38.
- Bell, Judith (1997), *Como realizar um projecto de investigação*, Lisboa, Gradiva.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel Difusão Editorial, Lda.
- Brandão, Raul (1924), *Os Pescadores*, (2.^a ed.), Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Brito, Joaquim Pais de (2006), “Patrimónios e identidades. A difícil construção de presente”, em, Peralta, Elsa e Marta Anico (Org.) (2006). *Patrimónios e Identidades*, Oeiras, Celta Editora, pp: 43-51.
- Carmo, Hermano e Manuela Malheiro Ferreira (1998), *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Carricho, Joaquim Dinis (2013), *O amar a minha terra*, Praia da Vieira, Edição do Autor,
- Cruz, Carlos Manuel Simões (coord.) (1995), *O Pinhal De Leiria. Sua Importância na Economia Local*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional/ EB 2 Padre Franklin.

- Fernandes, Sandra (2008), *O Papel do Património Histórico-Arqueológico na Promoção do Desenvolvimento Local*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Franco, Augusto de (1998), *Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável. Dez Consensos*, (online), disponível em: http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/10_augusto_de_franco.pdf, consultado em 09-01-2012.
- Gaspar, João (2013), *Praias têm cada vez menos areia e a culpa é das barragens, diz especialista*, (online), disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/praias-tem-cada-vez-menos-areia-e-a-culpa-e-das-barragens-diz-especialista-1594185>, consultado em 12-05-2013.
- Giddens, Anthony (2000), “Viver Numa Sociedade Pós-industrial ”, em Beck, Ulrich; Anthony Giddens e Scott Lash (2000), *Modernização Reflexiva*, Oeiras, Celta Editora.
- Gómez, José Antonio Caride; Orlando Manuel Pereira Freitas e Germán Vargas Callegas (2007), *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*, Porto, Profedições.
- Lopes, Helena e Paulo Nuno Lopes (1995), *A Safra*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Magalhães, Fernando (2005), *Museus, Património e Identidade. Ritual, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*, Porto, Profedições, Lda.
- Magalhães, Fernando (2012), *À Procura De Um Lugar Na Europa: O Território e o Património Nos Discursos Sobre Leiria E Suas Regiões*, Leiria, Instituto Politécnico de Leiria.
- Mano, Capitão João Pereira (1997), *Terras do Mar Salgado: São Julião da Figueira da Foz, São Pedro da Cova-Gala, Buarcos, Costa de Lavos e Leirosa*, Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar e das Navegações.
- Marante, Florbela (2005), *Grandes Protagonistas da História de Portugal. D. Dinis*, Espanha, Rotapapel S. L.

- Margarido, Ana Paula (1988), *Leiria história e morfologia urbana*, Leiria, Edição da Câmara Municipal de Leiria.
- Marques, Alfredo Pinheiro (2010), “Memória da Terra e do Mar. Os mais pobres dos pobres e o mais belo barco do mundo”, em, *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (9), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Marques, Alfredo Pinheiro (2012). “Memória da Terra e do Mar III. Os mais pobres dos pobres e o mais belo barco do mundo”, em, *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (27), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Matias, António Marques (sa), *Colecção História de Portugal. D. Dinis*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- Mendes, José Amado (1999), “O Museu Na Comunidade: Património, Identidade e Desenvolvimento”, em, António Ribeiro Gomes (Dir.) (1999) *Gestão e Desenvolvimento*, (8), Universidade Católica Portuguesa, Viseu, pp: 217-231.
- Nogueira, António Inácio (2006), *Praia de Pedrogão: Locais, Gentes e Memórias*, Leiria, Magno Edições.
- Nunes, Francisco Oneto (1993), *Vieira de Leiria. A História, O Trabalho, A Cultura*. Vieira de Leiria: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.
- Nunes, Francisco Oneto (2004), *A arte xávega na Praia da Vieira. Histórias e imagens – documentos fotográficos de Dora Landau, Vergílio Guerra e outros*. Vieira de Leiria: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.
- Nunes, Francisco Oneto (2005), *Hoje por Ti, Amanhã por Mim: A Arte Xávega no Litoral Central Português*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia na Especialidade de Teoria e Método da Antropologia, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Nunes, Hermínio de Freitas (2008), *Os Pescadores da Praia da Vieira. O Naufrágio do Salsinha - 15 de Novembro de 1907*, Vieira de Leiria, Junta de Freguesia da Vila de Vieira de Leiria.

- Nunes, Hermínio de Freitas (2009), “Os pescadores da Praia de Mira e os pescadores da Praia da Vieira (Raízes e Relações)”, em *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (30), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Oosterbeek, Luiz (1996), “De Foz Côa ao conjunto do território português: por uma nova relação do património com a sociedade”, em *Techne*, (2), *ArqueoJovem*, pp.65-67.
- Peralta, Elsa (2006), “Memória do mar. Património marítimo e (re)imaginação identitária na construção do local”, em Peralta, Elsa e Marta Anico (Org.) (2006), *Patrimónios e Identidades*, Oeiras, Celta Editora, pp: 75-84.
- Peralta, Elsa e Marta Anico (Org.) (2006), *Patrimónios e Identidades*, Oeiras, Celta Editora.
- Peralta, ELSA (2008), “O Mar como Património: Considerações acerca da identidade nacional portuguesa”, em Nunes, Francisco Oneto (coord.) (2008), *Culturas Marítimas em Portugal*. Lisboa: Âncora Editora, pp: 71-92.
- Pereira, Inês (2002), “Identidade em Rede. Construção identidade e movimento associativo”, em Guerreiro, Maria das Dores (Direc.) (2002), *Sociologia, Problemas e Práticas*, (40), Lisboa, Celta Editora, pp: 107-122.
- Pereira, Rui (2012), *Rotas Turísticas: solução para melhorar o Desenvolvimento Regional?*, (online), disponível em: <http://planeamentoterritorial.blogspot.pt/2012/04/no-momento-de-crise-que-o-nossopais.html>, consultado em 12-05-2013.
- Pinto, António Arala (1938), *O Pinhal Do Rei. Subsídios*, I volume, Alcobaça, Edição do Autor.
- Pinto, António Arala (1939), *O Pinhal Do Rei. Subsídios*, II volume, Alcobaça, Edição do Autor.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (2003), *Manual de investigação em ciências sociais*, (3ª ed.), Lisboa, Gradiva.
- Redol, Alves (1967), *Avieiros*, (2ª ed.), Mem Martins, Europa-América, Lda.

- Rodrigues, Hélia Carla Amado (2013), “Artes de subsistência dos pescadores da Vieira de Leiria”, em *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (16), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Rodrigues, Hélia Carla Amado (2013), “Praia Da Vieira de Leiria: Festas em honra de Nossa Senhora dos Navegantes e de São pedro”, em *Cultura Avieira Um Património, Uma Identidade*, Folha informativa (34), Santarém, Instituto Politécnico de Santarém.
- Salvado Maria Adelaide Neto (1985), *Os Avieiros nos finais da década de cinquenta*, Castelo Branco, Grafica de S. José.
- Serrão, Joel (1971), *Dicionário da História de Portugal*, Volume I/A-D, Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- Torrice, Juan Agudo (2006), “Patrimónios e discursos identitários”, em Peralta, Elsa e Marta Anico (Org.) (2006), *Patrimónios e Identidades*, Oeiras, Celta Editora, pp: 21-34.
- Velho, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Veronese, Marília Veríssimo e Egeu Gómez Esteves (2011), “Identidades e Economia Solidária: Sobre o Processo de Construção Identitária No Trabalho Autogestionário”, em Hespanha, Pedro e Aline Mendonça dos Santos (Orgs) (2011), *Economia solidária: Questões Teóricas e Epistemológicas*, Coimbra, Almedina, pp: 151- 167.
- Véstia, Maria de Lurdes e Emídio Rafael (2012), *Avieiros. Dores e Maleitas*, Lisboa, Âncora Editora.
- Vicente, Paulo Jorge Campos (2008), “Relembrar o povo e agradecer-lhe”, em Nunes, Hermínio de Freitas (2008), *Os Pescadores da Praia da Vieira. O Naufrágio do Salsinha - 15 de Novembro de 1907*, Vieira de Leiria, Junta de Freguesia da Vila de Vieira de Leiria, pp: 1.
- Vieira, Ricardo (2000), *Ser Igual, Ser Diferente. Encruzilhadas da Identidade*, Porto, Prodefições.
- Vieira, Ricardo (2009), *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*, Lisboa, Edições Colicri.

OUTRAS FONTES

FILMES

Campos, António (1975), Gentes da Praia da Vieira.

LEGISLAÇÃO

Diário da República- I Série – A n.º 2009- 8 de setembro de 2001.

Lei n.º 107/2001

Diário da República- I Série – n.º 81 – 7 de abril de 1987

Lei n.º 11/87

ANEXO EM CD-ROM